



UASP EM FÓRUM IDENTIDADE E MISSÃO!

Seminário Diocesano de Lamego

22 e 23 de Setembro 2012

ÍNDICE

Artigo 2º dos Estatutos da UASP	3
A – Conferência <i>Horizontes do projecto de participação social e eclesial da UASP</i> (brevemente disponível) Mons. Luciano Guerra	5
B – Painel I <i>UASP - Responsabilidade e participação</i> Fernando Baptista - ASRCombonianos	7
Fr. Isidro Lamelas – ACFranciscanos	17
P. Carlos Vaz – ASSABraga	22
C – Painel II <i>UASP - União e representação</i> Armindo Carolino ASDCoimbra	28
Guilherme Ganança ASDFunchal	29
Albino Pereira LASÉvora	33
D – Painel III <i>UASP - Defesa e promoção</i> Mário Martins ADASAveiro - (brevemente disponível)	36
António Vale AAASVilaReal	37
Timóteo Moreira UNIASEspíritanos	40
E – Currículos	43
F – Participação	46

ARTIGO 2º DOS ESTATUTOS DA UASP

A UASP tem como objecto:

- 1.** Fomentar a co-responsabilidade eclesial e a participação em projectos que promovam a dignidade humana e os valores evangélicos.
- 2.** Congregar, coordenar e representar junto das instituições eclesiais e dos organismos oficiais, nível nacional e internacional, as suas associadas.
- 3.** Defender e promover a solidariedade entre as suas associadas no respeito pela identidade de cada uma delas.

A – Conferência

Horizontes do projecto de participação social e eclesial da UASP

Mons. Luciano Guerra

(Brevemente disponível)

B - Painel I

UASP - Responsabilidade e participação

Artº 2º dos Estatutos - Ponto 1

Em busca da ética perdida...
(proust: *à la recherche du temps perdu...*)

1.º «ANDAMENTO»: DA FENOMENOLOGIA DA «PÓS-MODERNIDADE»... AO ACTUAL ESTADO DE GENERALIZADA MORBIDEZ MORAL...

No contexto da vastíssima bibliografia que se reporta às análises filosóficas, teológicas, sociológicas e politológicas, seja a que se dedica à interpretação, compreensão e explicação da multiplicidade dos seus sinais manifestativos (da sua *sintomatologia...*), seja a que se ocupa da sua causalidade originante (da sua *etiopatogenia...*), tudo converge no sentido de que o “epicentro” do actual estado de generalizada morbidez moral verdadeiramente cataclísmica que atravessa o Mundo inteiro e, consequentemente também, o nosso País (onde afinal se deu a epifania da nossa existência e onde à grande maioria do nosso Povo já pouco mais vai sendo permitido senão tentar sobreviver...) não se afigura ser dissociável do controverso período ou estágio histórico-cultural (com todo o seu *cinetismo* e *agonismo* antrope-sociológico, filosófico-teológico, político-jurídico, gnósio-axiológico, científico-tecnológico, poético-estético e morfogénico...) que dá pelos nomes de «PÓS-MODERNIDADE» e de «PÓS-MODERNISMO», com a complexidade e o exacerbamento da sua intrincada fenomenologia e da sua irrestrita problematização¹...

Desse universo bibliográfico, seja-me permitido destacar, pelo seu valor simbólico e alegórico, os famosos títulos do filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky — *A Era do Vazio, O Crepúsculo do Dever e O Império do Efêmero*²— para, através deles, remeter para a preocupante marginalização a que tem vindo a ser votado o «sistema axiológico», nomeadamente os valores éticos, em consequência da proclamação, por Nietzsche, da «morte de Deus» (com a outorga da prerrogativa de Seu *superador* substituído ao mito do «Super-Homem»...) e do “decretamento”, por Lyotard, do «fim das meta-narrativas»³.

Esse “esvaziamento” ou “exílio” da presença do «Divino» da face do Mundo e dos Homens abre caminho ao relativismo, ao niilismo e à ausência de sentido para a vida, consagrando o advento do “nada” e do “absurdo” por sobre o horizonte existencial da nossa condição humana⁴...

Complementarmente, sobrevém a ruptura epistemológica e axiológica que dissolve as assunções pressupositivas e os parâmetros concepcionais, gnosiológicos, sapienciais, doxásticos e etológicos de referência, inspirados ou radicados na ideia de Deus (perspectivado até então como “o referente dos referentes”...), ficando assim abalados os arquétipos fundacionais, os significados e as conotações axiais do tempo e do espaço, do aqui e do além, do passado, do presente e do futuro, da biografia, da memória e do sonho, do mapeamento eidético das matrizes histórico-geográficas...

¹ Para uma perspetivação ainda que sumária, considerem-se, a propósito: Victor E. Taylor – Charles E. Winquist (eds.): *Enciclopedia del posmodernismo*, Madrid, Editorial Síntesis, 2002, entrada «posmodernidad», pp. 350-354; Frederic Jameson: *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, Durham, Duke University Press, 1991; Diego Bermejo: *Posmodernidad: pluralidad y transversalidad*, Barcelona, Anthropos Editorial, 2005; Fernando Paulo Baptista (org.): *Vitor Aguiar e Silva: a poética cintilação da palavra, da sabedoria e do exemplo*, Viseu, edição do Governo Civil do Distrito de Viseu, 2007, ensaio «A “lição” do Professor» pp. 79-99, com o respectivo suporte bibliográfico; Fernando Paulo Baptista: *Nesta nossa doce língua de Camões e de Aquilino*, Sernancelhe, edição da C. M. de Sernancelhe, 2010, pp. 159-176 e 187-189; e também: <http://www.iep.utm.edu/processp/>; <http://www.iep.utm.edu/frankfur/>; <http://www.iep.utm.edu/nihilism/>

² Gilles Lipovetsky: *L'ère du vide: essais sur l'individualisme contemporain*, Paris, Gallimard, 1989; *Le crépuscule du devoir: l'éthique indolore des nouveaux temps démocratiques*, Paris, Gallimard, 2000; *L'empire de l'éphémère*, Paris, Gallimard, 2001.

³ Cf. Jean-François Lyotard: *La Condition Postmoderne: Rapport sur le Savoir*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1979...

⁴ Cf. Martin Buber: *Eclipse de Dios – Estudios sobre las relaciones entre religión y filosofía*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 2003, sobretudo o denso ensaio «Religión y pensamiento moderno», em que se estabelece um fecundo «diálogo» entre as posições de Nietzsche, Heidegger, Jung, Kant e Sartre em torno do problema de Deus, pp. 91-120.

Corre-se, por essa via, o risco do abastardamento estrangeirificante, se não mesmo do apagamento liquidatário, das “identidades” locais (“paroquiais”), regionais e nacionais, porque, por força da alienante “mercatorização” e “mercantilização” de tudo (incluindo a cultura e a própria alma...) e sob um delirante e desenfreado ímpeto hedonista e consumista, tudo passou a ser “global”, através dos mecanismos tecnológicos de comunicação, informação e mediação planetária da *cibernáutica* e das dinâmicas *internéticas*...

Considere-se, a propósito, o que, salvo raríssimas e honrosas exceções, tem vindo a ser a invertebrada “subserviência” ou “submissão” dos nossos governantes e representantes políticos às directivas económico-financeiras dos directórios do eixo franco-germânico e da “troika”, comandados por tecnocratas e burocratas, “espiritualmente” formatados para o exercício lucrativo do “jogo” monetário e usurário...

Por sua vez, a arquitectante e nevrálgicamente estratégica área da Educação, com a secundarização das Humanidades Clássicas e Modernas, das Belas Letras e das Belas Artes, descurendo, por essa via, a formação para os perenes e sublimes valores da “espiritualidade”, passou a ser obsidiante e tecno-burocraticamente concebida e programada para a desumanizadora unidimensionalidade da tão apregoada *competitividade, eficácia e eficiência* produtivas e subjugada aos interesses do neo-liberalismo emparceirado com o capitalismo financeiro, usurário e neo-selvagem...

Consonantemente com essa orientação político-curricular dos processos de ensino-aprendizagem, canonizou (subliminarmente...) como seus pilares estruturantes e direccionantes o “princípio da sobrevivência” e o “princípio da dominação” que, em última instância, conduzem à identitária convergência das grandes «finalidades» pedagógico-didácticas com os “objectivos” pragmático-lucrativos e acumulativos do sistema produtivo e distributivo e de seus detentores e administradores, em detrimento do “princípio da solidariedade” e do “princípio da realização” que, nas dinâmicas educativo-formativas, nunca deveria deixar de envolver e desenvolver, em sinérgica, reticular e orquestral colaboração, as capacidades e destrezas que verdadeiramente fazem crescer a *humanidade* do ser humano em todas as suas potencialidades e dimensões: *a imaginação criadora, a racionalidade crítica e judicativa, a sensibilidade poética e estética, a memória informante e identificante, a inteligência intuitiva, conjectural e teórica, a vontade resiliente e decisional*...⁵

É assim que essa alarmante situação “patológica” de dimensão planetária nos traz à memória o premonitório e consonante “diagnóstico” lapidarmente plasmado por Fernando Pessoa no seguinte excerto do seu heterónimo Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*⁶:

«Nascemos já em plena angústia metafísica, em plena angústia moral, em pleno desassossego político. Ébrias das fórmulas externas, dos meros processos da razão e da ciência, as gerações que nos precederam aluíram todos os fundamentos da fé cristã, porque a sua crítica bíblica, subindo de crítica dos textos a crítica mitológica, reduziu os evangelhos e a anterior hierografia dos judeus a um amontoado incerto de mitos, de lendas e de mera literatura...».

⁵ Cf. Jérôme Bindé [coord.]: *Rumo às Sociedades do Conhecimento — Relatório Mundial da UNESCO*, Lisboa, Edições Piaget, 2008, pp. 187-192, 313; Martha C. Nussbaum: *Not for Profit — Why Democracy Needs the Humanities*, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2010; Fernando Cabral Pinto: *Idade da Realização — Na História da Vida / Na Vida da História*, Lisboa, Edições Piaget, 2011, pp. 24 ss, 71 ss e 179 ss.

⁶ Cf. Bernardo Soares: *Livro do Desassossego*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998, p. 187.

E muito embora (ainda segundo o pessoano entendimento) «em qualquer espírito que não seja disforme exista a crença em Deus»⁷, a verdade é que, «indiferentes ao divino e desprezadores do humano»⁸, os nossos “sátrapas” da economia e da política, em hipócrita e cínico conúbio e na medida em que se arrogam o estatuto de intocáveis “super-homens”, transformam o nosso resignado e sofredor Povo (que é “Povo de Deus”!...) em mero brinquedo laboral do seu egoísmo e dos seus interesses intocáveis, insensíveis a exemplos auto-abdicatórios (ainda que puramente simbólicos, dada a sua mais do que desafogada situação económica...) como os protagonizados pelo primeiro-ministro italiano Mario Monti ou pelo nosso compatriota António Horta Osório, Director Executivo (CEO)⁹ do Banco Lloyds...

2.º «ANDAMENTO»: MOTIVAÇÃO PARA UMA ACÇÃO PASTORAL CONCRETAMENTE COMPROMETIDA COM OS QUE MAIS SOFREM — DO ESCÂNDALO DAS ALTAS REMUNERAÇÕES EM TEMPOS DE AUSTERIDADE... À URGÊNCIA DA PRÁTICA FRATERNA DA «SOLIDARIEDADE»...

Ponderando tudo quanto no «1.º andamento» desta reflexão centrada na dimensão da Ética ficou dito a propósito dos aspectos mais desumanizantes e desorientantes do movimento «Pós-modernista», designadamente, A DESMEDIDA RELEVÂNCIA QUE OS «VALORES MATERIAIS E INSTRUMENTAIS» DA ECONOMIA, DA FINANÇA E DA TECNOCIÊNCIA, DIRECCIONADOS PARA O EDONISMO E O CONSUMISMO, VÊM CONQUISTANDO RELATIVAMENTE AOS «VALORES ESPIRITUAIS E FORMATIVOS» DA ESCALA AXIOLÓGICA CONSAGRADA AO LONGO DA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO E DA CULTURA, não espanta que, sepultada a fundante e estelar referência a Deus — *Gott ist tot!* (Nietzsche: *A Gaia Ciência*, §125)... — e desprezada a religiosa dimensão “evangélica” da fraternidade — *Amarás ao teu próximo como a ti mesmo!* (Mateus: *Evangelho*, 22, 37-40) —, se assista ao retorno do endeusado “bezerro de ouro” de que fala a Bíblia (*Êxodo*: 32, 1-35), metamorfoseado, agora, nesse novo “ídolo” que é o “cifrão”, chame-se “Dólar” ou “Euro”, tanto faz!...

É assim que as escandalosas “benesses” do “lauto banquete” proporcionado pela recente privatização da EDP não reverteram, por exemplo, para um «FUNDO DE SOLIDARIEDADE NACIONAL», tendo em vista acorrer aos nossos concidadãos mais necessitados e mais desfavorecidos, nem foram aplicadas para efeitos de redução das tarifas da energia... Foram, pelo contrário, *candidamente* aceites pelos seus “beneficiários” (designadamente vários ex-ministros *Eurófilos*...), dando ensejo a um tipo de argumentação auto-justificativa e auto-valorativa digna dos mais refinados, medíocres e hipócritas sofistas da Antiga Grécia, quando se chega ao ponto de presumir uma “cotação de mercado” comparável à dos *Ronaldos* do futebol, sem que da sua competência governativa tenha ficado rasto qualitativo-transformador que se visse (a não ser o arruinante abandono da agricultura e das pescas, a labiríntica e paralisante morosidade dos Serviços de Justiça sem qualquer resgatador fio de Ariadne ou a crescente sombra despesista do tristemente célebre e devorador “monstro” orçamental, alimentado pelo eufórico desgoverno e desmando euro-monetarista da adesão à Comunidade Europeia [década de 1986-1996...]) e sem que da sua *genialidade* académica se tenha gerado qualquer espécie de “prognóstico” *eco-nomo-lógico* ou outra qualquer medida que, preventivamente, permitisse ter-nos resguardado dos tormentos da crise que se veio a abater sobre nós...

Todos temos o direito de assumir, no espaço público da ágora, o livre exercício da cidadania, através do recurso à crítica responsável e frontal, seja no estilo *anti-sofístico* do Sócrates da velha Atenas, seja no registo *anti-farisaico* do Jesus de Nazaré... Mas temos também o dever bíblico-evangélico de proclamar, perante os detentores do Poder, a nossa indignação solidária e, sobretudo, de praticar a bondade e a fraternidade cristã a favor dos que mais sofrem na carne e na alma as negras consequências desta mortífera “política” de austeridade, de empobrecimento e de fome, sobretudo em contextos em que se verifica a

⁷ *Idem: ibidem*, p. 414.

⁸ *Idem: ibidem*, p. 45.

⁹ CEO, sigla de: Chief Executive Officer».

intocada e escandalosa manutenção das desproporcionadas e douradas reformas, subvenções e mordomias e o chocante aumento das já milionárias remunerações de políticos e altos administradores e gestores¹⁰...

E, por isso, se pergunta: tal estado de coisas é ou não é a mais refinada e hedionda expressão daquela corrupção que mina as cruciais dimensões da Axiologia, da Ética e da Deontologia, com os irrenunciáveis princípios e valores sóficos da *éretÆ* [*arête*: a “virtude”, enquanto caminho em direcção à “excelência”...], da *élÆyeia* [*aletheia*, a “verdade” enquanto busca e “desvelação” permanente...], da *dikaiosËnh* [*dikaiosyne*, a “justiça”], do «*tÚ kalÒn te ka' égayÒn*» [*to kalon te kai agathon*, o “belo” e o “bem”, a “perfeição”...], da *frÒnhsiw* [*phronesis*, a “sageza”, a “prudência”...], da *svfrosËnh* [*sophrosyne*, a “sensatez”, a “moderação”...], do *gn«yi seautÒn* [*gnôthi sauton*: “conhece-te a ti mesmo”...], da *§gkrâteia* [*enkrateia*, o “autodomínio”...], da *veritas*, da *iustitia*, da *aequitas*, da *honestas*, da *rectitudo*, da *pietas*, da *verecundia*, da *prudentia*, da *gravitas*, da *dignitas*, princípios e valores que, no passado, se aprendiam no diuturno convívio com os textos clássicos da *Paideia* Grega e da *Humanitas* Romana, inclusora e complementarmente integrados, conjuntamente com a *Caritas*, a *ÉAgãph* [*Agápe*] e a *Filëa* [*Philia*], no *LÒgow* [*Lógos*] da *Catholica Christianitas*¹¹ e que, nos *cifronísticos* tempos que correm, andam lamentavelmente esquecidos?...

Efectivamente, quem tiver uma esclarecida consciência semântico-lexical, filológica e ético-axiológica do que verdadeiramente significa a palavra ‘*corrupção*’¹², muito dificilmente deixará, a essa luz, de questionar: é ou não é “corrupção” ético-política, sobretudo ao nível dos detentores do poder executivo e legislativo, decidir e/ou permitir o aumento, em proveito próprio, de honorários e demais mordomias, manter as escandalosas subvenções vitalícias, subsídios de reintegração e as milionárias remunerações nas altas esferas da administração pública, semi-pública e privada?...

¹⁰ Um ex-banqueiro recebe 167 mil €uros por mês; o Presidente do Conselho Geral e de Supervisão da EDP recebe cerca de 639 mil euros anuais, a juntar a uma reforma mensal da ordem dos 10 mil euros; a CP, a Carris e a Docapesca, todas elas com prejuízos, aumentaram os salários de gestores, em mais de 50%...

¹¹ Cf. Werner Jaeger: *Paideia: los ideales de la cultura griega*, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1962; Giorgio Colli: *La Sabiduría Griega*, Madrid, Editorial Trotta, 1998; Jacques Brunschwig e Geoffrey Lloyd: *El Saber Griego*, Madrid, Ediciones Akal, 2000; Maria Helena da Rocha Pereira: *Estudos de História da Cultura Clássica, I Volume / Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ⁸1998; Idem: *Hélade – Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ⁷1998; Idem: *Estudos de História da Cultura Clássica – II volume / Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ²1990; Idem: *Romana – Antologia da Cultura Latina*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986; Frederico Lourenço: *Grécia Revisitada*: Lisboa, Edições Cotovia, 2004; Cf. Werner Jaeger: *Paideia: los ideales de la cultura griega*, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1962; Giorgio Colli: *La Sabiduría Griega*, Madrid, Editorial Trotta, 1998; Jacques Brunschwig e Geoffrey Lloyd: *El Saber Griego*, Madrid, Ediciones Akal, 2000; Maria Helena da Rocha Pereira: *Estudos de História da Cultura Clássica, I Volume / Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ⁸1998; Idem: *Hélade – Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ⁷1998; Idem: *Estudos de História da Cultura Clássica – II volume / Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ²1990; Idem: *Romana – Antologia da Cultura Latina*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986; Frederico Lourenço: *Grécia Revisitada*: Lisboa, Edições Cotovia, 2004; Cf. Nair de Nazaré Castro Soares no seu convocante ensaio «Plutarco no Humanismo Renascentista em Portugal» *apud*: Joaquim Pinheiro, José Ribeiro Ferreira, Narir Castro Soares, Rita Marnoto: *Caminhos de Plutarco na Europa*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos [CECH] da Universidade de Coimbra, ²2011, pp. 9-49; Josef Sellmair: *Humanitas christiana: Geschichte des christlichen Humanismus*, München, F. Ehrenwirth, 1950; <http://humanitas-christiana.blogspot.nl/>; Bento XVI: Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (*apud*: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_it.html) e Carta Encíclica *Caritas In Veritate* (*apud*: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate_it.html)

¹² Cujo étimo é o acusativo latino ‘*corruptionem*’ (do substantivo ‘*corruptio*, -onis’, pertencente à mesma família lexical do verbo ‘*corrumpo*, -is, -ere, -rupi, -ruptum’ que, por sua vez, é um cognato derivado por prefixação do verbo ‘*rumpo*, -is, -ere, rupi, ruptum’ (lexema que tem como núcleo semiogénico a raiz indo-europeia “*reu-p-* / *rou-p-* > *ru-p-*”, com o significado fundacional de *romper, desfazer em pedaços, fazer ruir abruptamente, conduzir à ruína*, em sentido próprio e figurado, físico e moral...

E que dizer do despudorado descaramento e malabarista “chico-espertismo” com que alguns de entre os titulares governativos (do passado e do presente...) têm vindo a obter, sem queimarem as pestanas no esforço autêntico do camoniano «honesto estudo», os seus “diplomas” académicos e do dissimulador modo como, de um modo geral, ocultam, nos “portais” institucionais implantados na *Net*, as suas mediocres classificações?!...

Onde é que está a sua competência sapiencial (ético-axiológica, cultural, humanística, científica, técnica...), imprescindível para alicerçar e sustentar, iluminadoramente, o desempenho dos mais exigentes e mais responsáveis cargos político-sociais?... Será este o reino do “*vale tudo*”?...

Poderá alguém, dotado de um mínimo de espírito crítico, acreditar no “jogo de máscaras” das suas reiteradas e dramatizadas encenações teatrais (com os filhos invocados numa hipócrita, demagógica e indiscriminada mistura...), a propósito das novas e draconianas medidas de mais austeridade direccionadas, uma vez mais, para os mesmos de sempre que já mal podem arrastar a cruz da vida sem a ajuda dos bondosos cireneus do voluntariado solidário, medidas essas, anunciadas através de uma oportunista mediação televisiva, imediatamente seguida de uma anestésica, analgésica e amnésica injeção de futebol?¹³... Que credibilidade pode merecer a “palavra” de quem pratica recorrentemente o *troca-tintismo politiquero*¹⁴?...

Senhores “ex-jotas” que tendes vindo a tomar o Poder em Portugal, ao longo deste último vinténio, ainda que por via eleitoral: se quereis conquistar a confiança e a adesão do nosso Povo, dai o exemplo a partir de cima, começando por vós próprios (vós que, na vida real, salvo honrosas excepções, muito dificilmente teríeis encontrado alguém que, à luz de exigentes e selectivos critérios de competência, decidisse recrutar-vos para o desempenho de qualquer cargo responsável!...), dai o exemplo, cortando pelo menos 50% ou 60% nos vossos honorários e mordomias, retribuições desproporcionadíssimas para o real valor dos vossos currículos tão mediocres, cortando drasticamente nas remunerações, nas regalias e no número de deputados generalizadamente tão incultos, tão cinzentos e tão amorfos e, mais ainda, nos proventos de tantos “tubarões” e “vampiros” da gestão e da administração pública, semi-pública e privada (CGD, BP, REN, CP, EDP, GALP, PT, etc., etc...), dos consultores de bornais insaciáveis (formatados segundo os “padrões” e os “cânones” de conduta da Goldman Sachs ou do FMI...), para ainda podermos assistir a esses cortes enquanto estivermos entre os vivos!... Façam isso como a primeiríssima das prioridades!...

Mobilizem-nos e convençam-nos com exemplares actos concretos, parem de vez com a aldrabice e a hipocrisia e desistam de “pregar” este “sermão penitencial”, mais próprio de “cangalheiros” à porta das morgues ou das funerárias...

Repare-se que o pequeno País que geo-demograficamente somos tem, no continente e nas ilhas, 3 governos¹⁵, com as clientelares “máquinas” de assessores e burocratas («*jobs for the boys*»)¹⁶, e 333

¹³ Em que justificativamente nos foi dito: «... *fiz um dos discursos mais ingratos...*»; «... *nunca esqueceremos que os nossos filhos nos estão a ver, e que é por eles e para eles que continuaremos, hoje, amanhã e enquanto for necessário, a sacrificar tanto...*»?... Por isso, se pergunta: trata-se dos próprios filhos de quem assim decidiu pronunciar-se e aos quais decerto nada falta, ou, pelo contrário, trata-se dos filhos de quem já mal vai tendo dinheiro para comprar o pão e o leite de cada dia para os alimentar ou os livros e outro material didáctico estritamente indispensável para enfrentarem o conturbado novo ano lectivo?...

¹⁴ *Troca-tintismo* de que é paradigmático exemplo a duplicidade de posições expressas relativamente ao novo Acordo Ortográfico. Repare-se bem e a propósito: em 20 de Maio de 2008, referindo-se a este aberrante normativo, o “ex-jota” que veio a ser o nosso actual Primeiro Ministro, interpelado por Ruben Azevedo, escrevia num e-mail: «... *o acordo que Portugal assinou (...) não representa nenhum benefício para a língua e cultura portuguesas, pelo que não traria qualquer prejuízo que não entrasse em vigor. De resto, não vejo qualquer problema em que o português escrito possa ter grafias um pouco diferentes conforme seja de origem portuguesa ou brasileira. Antes pelo contrário, ajuda a mostrar a diversidade das expressões e acentua os factores de diferenciação que nos distinguem realmente e que reforçam a nossa identidade. Aliás, considero miope a visão de que o mercado brasileiro de cultura passará a estar aberto aos autores portugueses em razão da homogeneidade da grafia [...]*». Mas, em 22 de Junho de 2012, este mesmo (des)governante *ex-jotista*, em visita ao Brasil, considerou este babélico e sinistro *regulamento acordatário* como sendo “*expressão de uma “visão estratégica” que deve ser prosseguida*».

¹⁵ 1 central + 2 regionais.

deputados com os respectivos secretariados de apoio¹⁷, tem 308 câmaras municipais, 4. 259 freguesias, 1. 770 vereadores, tem (salvo erro ou omissão...) 30. 000 viaturas de serviço (maioritariamente “topo de gama” e com os indispensáveis motoristas!...), 500 assessores na Presidência da República, 1. 284 serviços e institutos públicos e milhares de fundações e de comissões e gabinetes técnicos, etc., etc.!... Mas que não haja ilusões! Estes “ex-jotas” que têm chegado ao Poder, além da gestão incompetente e ruinosa da “coisa pública”¹⁸, relapsos como são, nada de muito substancialmente diferente vão passar a fazer, na medida em que, mesmo com o suporte de tantas assessorias técnicas pincipescamente pagas, não deixam de ser a expressão mais acabada, mais refinada e mais preocupante do que é o despudor e a iliteracia académica, cultural, técnico-científica e ético-humanista!...

Na verdade, o que é que eles faziam (fizeram...) no seu tempo de estudantes, isto é, no tempo mais propício à inseminação, radicação e conformação de uma “mentalidade” sapiencial e cultural sistémica, consistente, exigente e esclarecida e eticamente marcada pela seriedade e pela dignidade?... Que espécie de estudantes é que eles foram?... Foram os diligentes praticantes do «honesto estudo» de que fala Camões?... Em que é que ocupavam o seu tempo?... Ocupavam-no a construir as suas aprendizagens fundamentais e estruturantes?... Que alicerces gnosiológicos e sófico-discursivos edificaram, se não criaram nem desenvolveram o constante hábito da leitura hermenêutico-crítica, feita em profundidade e com rigor analítico-interpretativo?... O que é que de importante ficou plasmado nos seus neurónios, *paraplégicos* e *enferrujados* desde a juventude pela ausência de um quotidiano e metódico exercício de reflexão problematizadora, difícil e exigente?... Bastar-lhes-á, actualmente, a frequência dos pretensiosos encontros conviviais pomposamente denominados de “Universidades de Verão”, alimentados por uns tantos “académicos” banais, por ex-políticos mais do que fanados ou por quadros técnicos carregados de frustrações e ávidos de notoriedade, de promoções carreiristas ou de protagonismo político?...

Veja-se, agora, o conhecimento e o nível teórico-prático e etológico que eles revelam acerca do que seja a “justiça”, a “proporcionalidade” e a “equidade”, que transparecem das medidas que vêm tomando contra os estratos sócio-economicamente mais frágeis do nosso Povo!... Por que é que não têm a coragem de cortar 30, 40 ou 50% nos escalões remuneratórios de base de todos quantos usufruem de vencimentos, pensões ou subvenções vitalícias pelo menos a partir dos 5 a 10 mil Euros mensais?... Será que a “dignidade humana” de todos esses é, enquanto tal, superior à homóloga “dignidade” de quem ganha apenas uns míseros 200 ou 300 Euros mensais?...

Esse despudor, essa “iliteracia” dominante que é bem a marca distintiva da sua insensibilidade, da sua incompetência e da sua mediocridade intelectual e ético-axiológica, consubstancia-se nos pseudo-diplomas académicos obtidos através de toda a espécie de expedientes, artimanhas e oportunismos (o já atrás aludido e quase atávico “*chico-espertismo*”...), *permitidos, se não mesmo fomentados, por essa inqualificável corja de “universidades” politiquieras, mercantilistas e vendilhoneiras, sem escrúpulos e sem decoro...*

Essa “iliteracia” e desvergonha não deixam de se revelar sintomaticamente também na própria citação de obras filosóficas que se diz terem sido lidas, mas que, do ponto de vista ontológico e fenomenológico, nunca conheceram a luz do dia da sua existência editorial, sintoma de uma chocante violação do valor da verdade (de par com uma inqualificável e anti-educativa falta de probidade intelectual,

¹⁶ Veja-se o despesismo com as assessorias ministeriais acabadas de vir a público (cf. o *Correio da Manhã* de 15/09/2012, pp. 6-7) em que (além de seis ministérios, incluindo o das Finanças, esse implacável promotor da “austeridade” para todos nós!...) só o Gabinete do Primeiro Ministro, constituído por 67 assessores, protagoniza uma despesa mensal da ordem de mais de 129 mil euros, atingindo, no final do corrente ano de 2012, um montante global da ordem de um milhão e meio de Euros, verba que ultrapassa em 4% o orçamento inicialmente previsto.

¹⁷ Sublinhe-se o facto de que, para que a nossa Assembleia da República tivesse um número de parlamentares proporcional ao que tem, por exemplo, o *Bundestag* da rica e poderosa Alemanha, teria de proceder a uma redução da ordem de mais de 50%!...

¹⁸ Recordem-se, a propósito, as inúmeras ilegalidades ou anomalias que são objecto dos complexos processos que se vêm arrastando nos tribunais sem fim à vista e o impressionante “caso” das parcerias público-privadas [PPP’s] recentemente denunciado por José Gomes Ferreira na SIC: uma conta astronómica a ser paga nos próximos 40 anos por todos nós contribuintes... Cf.: <http://www.youtube.com/watch?v=7HuWLOYX7dY>

ao ousar, numa postura de ilusionista presunção, exhibir aquilo que realmente se não tem...), porque, em bom rigor, ou não se lê, ou mal se sabe ler para além das efémeras notícias dos jornais...

Estes “cavalheiros” que ofendem e desprestigiam o sagrado nome de Portugal («*Terra de Santa Maria*»), que envergonham a sua História, que ignoram as matrizes genealógicas e memoriais da Língua Portuguesa, atrevem-se, com a ligeireza e a ousadia que os caracterizam, a falar de “ESTRATÉGIA”... Mas sabem lá eles o que é que tal palavra significa em sua fundura semântico-eidética, para além do superficial e imediatista significado sinonímico do “chavão” com que enchem a boca, sem conhecerem verdadeiramente de onde é que essa palavra vem, sem terem consciência da complexidade diacrónico-linguística da designação terminológica do “conceito” para que ela remete, a partir do que é que ela verdadeiramente começou por significar, tomando como ponto de referência os seus constituintes genómicos morfo-lexicais, lá bem desde a raiz e a geratriz que irrompem da língua de Homero e de Platão?!...

Tenho o maior respeito pelos altos cargos que suportam o edifício orgânico-funcional e simbólico da República Portuguesa: mas não consigo deixar de me indignar e de sentir a maior revolta, vergonha e desencanto pela mediocridade e o descaramento de quantos, sem real valor e mérito, ocupam esses cargos, ainda que sufragados pelo voto maioritário de eleitores crédulos ou movidos de boa-fé, mas demagogicamente ludibriados ou manipulados durante as campanhas eleitorais...

Na minha perspectiva, *o exercício democrático, livre e responsável dos direitos e dos deveres de cidadania não pode continuar a confinar-se à precariedade dos esporádicos actos eleitorais*: tem de passar a configurar-se e a organizar-se em NOVAS FORMAS E MÉTODOS DE CONSTANTE INTERVENÇÃO CÍVICA TRANS-PARTIDÁRIA, muito mais exigente, criativa e inovadora, e sempre marcada pela elevação, pela correcção, pelo espírito construtivo e pelo sentido da dignidade e da honorabilidade próprias da nossa Grande Cultura Lusíada, Humanista e Universalista, ético-axiológicamente orientada para a construção da Cidade Humana Planetária.

E se é verdade que o Sol quando nasce é para todos, também as searas que aloirecem, amadurecem e se transformam em pão e em vida deveriam estar, eucarística e fraternalmente, ao alcance da mesa de toda a gente, sem exclusão de ninguém: até porque *dar de comer a quem tem fome* é, em sentido literal e simbólico, uma das mais belas obras de misericórdia, ou seja, um dos mais nobres actos do coração que pulsa em universal sintonia com os que mais sofrem e mais precisam...

QUE CONCLUSÃO retirar, pois, de tudo isto?...

A meu ver, evocando, agora, o famoso intertexto dostoiévskiano-sartriano, segundo o qual, «se Deus não existisse, tudo seria permitido»¹⁹, A ESSENCIAL CONCLUSÃO a ser extraída consubstancia-se na «lição» de que, SEM A REASSUNÇÃO DA ELEVATÓRIA, MORIGERADORA E DIGNIFICANTE REFERÊNCIA AO “ABSOLUTO” OU AO “DIVINO” — MATRIZ E SENTIDO PRINCIPAL E ULTIMAL DE TODA A PERFEIÇÃO... —, APROFUNDAR-SE-Á, AINDA MAIS, A INIQUIDADE DO MERCATÓRIO E PERVERSO “VALE TUDO”, IMPOSTA PELA “DITADURA” DO RELATIVISMO ÉTICO-AXIOLÓGICO e permitida pela amnésia, pela indiferença e pelo desprezo (hoje, apreensivamente dominantes...) a que vêm sendo votados os grandes valores espirituais, civilizacionais e culturais...

Na verdade, como lucidamente no-lo adverte Bento XVI (encíclica *Spe Salvi*, 23), «O HOMEM TEM NECESSIDADE DE DEUS, PORQUE, SE ASSIM NÃO FOR, FICA PRIVADO DE ESPERANÇA»...

¹⁹ Cf. Jean-Paul Sartre: *O Existencialismo é um Humanismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1962, trad. de Vergílio Ferreira, pp. 193-194.

Ora, a privação da ESPERANÇA **não pode deixar de significar o obnubilante e absurdo fechamento aos horizontes do FUTURO**, importando desde já ponderar que este ficará perigosamente comprometido, sem o suporte generoso, universal e samaritanamente sóbrio da SOLIDARIEDADE PARTILHADA E PRATICADA, EM PRIMEIRA INSTÂNCIA, NA FAMÍLIA E NO MUNDO DO TRABALHO E DA DIÁSPORA...

É assim que, como motivação humanizadamente energizante do coração e da alma, me parece pertinente e oportuna a leitura meditativa do substancioso e conscientificante “ensaio” do Cardeal Dionigi Tettamanzi: *Non c'è futuro senza solidarietà*²⁰.

Para terminar, permitam-me que reitere, aqui, como coroamento desta reflexão (marcada por uma assumida intencionalidade *antropo-agógica e agórico-interventiva*...), palavras ditas noutras circunstâncias, a propósito do papel dos quadros superiores e dos intelectuais²¹.

«É minha convicção sincera de que a todos quantos de nós se dedicam a interpretar, pela noite dentro e no silêncio que medita, as realidades do mundo e as mensagens que, a partir delas e acerca delas, multimodamente se vão modelando no imparável caudal dos textos da Cultura, é minha convicção, repito, de que a todos nós, antes do (e a fundamentar o) papel de peritos da decisão ou da execução, de especialistas da gestão ou de técnicos da regulação das coisas públicas, etc., cabe o primordial “estatuto” cívico de nos assumirmos eticamente como informados activadores da memória do passado, como serenos e lúcidos analistas-intérpretes do presente e dos “ventos da História” que nele vão soprando e como inspirados áugures dos horizontes venturos. Cabe-nos, por outras palavras, procurar no passado as raízes da nossa mais funda identidade histórica, antropológica e cultural e, assim, as mais consistentes bases de fundamentação de qualquer projecto educativo e formativo a realizar. Captar criticamente os indícios e sintomas dos fenómenos cruciais que se revelam no presente e proceder à formulação (devidamente fundamentada e enquadrada sob os pontos de vista gnosiológico, metodológico e axiológico) das hipóteses resolutivas dos problemas vitais que se colocam ao mundo e ao homem de hoje. Cabe-nos, numa palavra, rasgar novos horizontes, traçando, ainda que sob a forma de sugestão ou de proposta, os rumos e as rotas humanamente mais credíveis para a humanizadora transformação dos jovens, do sistema educativo e do País».

Por outro lado, quando se assiste ao promissor fenómeno que costumo designar de *parabolicização* (ou, numa outra perspectiva, de *internetização*) das comunidades, das línguas e das culturas (à partida tão diferenciadas e tão distantes...), com a conseqüente aproximação dos povos, a relativização do conhecimento e dos padrões axiológicos e a derrocada de velhos muros, parece que novos horizontes se rasgam definitivamente para a Humanidade...

Persiste, todavia, um sentimento de perplexidade e de angústia, decorrente da sensação de “ausência” de referenciais a todos os níveis, com especial destaque para o sistema de valores (a Ética e a Axiologia em geral), sobretudo em consequência da crise da Metafísica, denunciada, como já deixei dito, pelo famoso e trágico grito nietzscheiano do “*Gott ist tot!*”, que, em seu simbolismo profundo, ecoa pelo nosso tempo, como um rebate de orfandade e de luto, como uma deriva sem sentido ou com o sentido do absurdo e da morte...

Em tão lancinante como patético grito, vê Heidegger cifrada uma mensagem de «geral decadência», defluente do despojamento da *divindade* e da conseqüente subalternização de códigos tão importantes como aqueles em que se inscrevem os valores (e projectos) do Belo, do Bem, da Verdade e da Justiça, negado que fora aquilo que era o seu fundamento, ou seja, *o divino*²²...

²⁰ Dionigi Tettamanzi: *Non c'è futuro senza solidarietà*, Milano, Edizioni San Paolo, 2009 (ensaio de que também há versão portuguesa, pelas prestimosas Edições Paulinas).

²¹ Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*: Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, p. 78.

²² Cf. Martin Heidegger: *Chemins qui ne mènent nulle part*, Paris, Gallimard, 1968, 182, ss...

Esta atmosfera de desiludente negrume, se não mesmo de deceptivo e desolador desconcerto, não deve, todavia, dar lugar ao pessimismo...

Tanto a “lição” da História como as potencialidades da Civilização e da Cultura justificam (sem euforias, é certo!...) uma perspectiva otimista que de modo algum (e seja em que circunstância for!...) pode dispensar a reflexão desapassionada e meditativa, o estudo rigoroso, o trabalho persistente, o empenhamento solidário e, sobretudo, a reassunção *auto-poiésica*, com A. Oliveira Cruz, da *dimensão* (e *missão*...) *principal e teleonómica* daquele que é «*Nosso Fim*»²³:

*Nosso fim
é dar-nos alma
desde o ponto
de partida
dar à alma
o seu sentido
dar sentido
à própria vida!*

É a partir de uma tal perspectiva e de uma postura com ela consonante que se pode transcender a finitude da nossa condição humana e antecipar as desejadas aberturas de horizonte, seja ele imanente e relativo, seja ele transcendente e absoluto...

Um belo poema de Ramos Rosa, intitulado «*Nós somos*»²⁴, plasma, entre desencanto e esperança, certos aspectos marcantes da mundividência de homens como os da minha geração:

*«Como uma pequena lâmpada subsiste
e marcha no vento, nestes dias,
na vereda das noites, sob as pálpebras do tempo.*

*Caminhamos, um país sussurra,
dificilmente nas calçadas, nos quartos,
um país puro existe, homens escuros,
uma sede que arfa, uma cor que desponta no muro,
uma terra existe nesta terra.*

*Como uma pequena gota às vezes no vazio,
como alguém só no mar, caminhando esquecidos,
na miséria dos dias, nos degraus desconjuntados,
subsiste uma palavra, uma sílaba de vento,
uma pálida lâmpada ao fundo de um corredor,
uma frescura de nada, nos cabelos, nos olhos,
uma voz num portal e a manhã é de sol.*

*Uma pequena ponte, uma lâmpada, um punho,
uma carta que segue, um bom dia que chega,
hoje, amanhã, ainda, a vida continua,
no silêncio, nas ruas, nos quartos, dia a dia,
nas mãos que se dão, nos punhos torturados,
nas frentes que persistem.»*

²³ Cf. A. Oliveira Cruz: *Antologia Poética*, Lisboa, Instituto Piaget, 2010, p. 305.

²⁴ Cf. António Ramos Rosa: *Obra Poética*, Coimbra, Fora do Texto, 1989, vol. 1, p. 179.

É um axioma de existência (prerrogativa do código *biopsicosférico* humano) afirmar que os jovens sempre foram e continuarão a ser a garantia da perpetuação genética e cultural de países e de pátrias. Porque acredito no futuro, tenho também de compreender as irreverências contestatárias e, sobretudo, acreditar na inventiva sonhadora dos jovens da actual geração.

Geração em crise, é certo, que sofre as consequências de outras prolongadas e análogas situações históricas que têm raízes profundas pelo menos em gerações como a minha...

Por razões de homologia funcional inerente aos cargos que tenho desempenhado no campo da educação e da instituição escolar, confio nos jovens. Acredito que os seus nobres ideais, as suas energias criadoras se vão mobilizar, mais cedo do que tarde, ao apelo consciencializador, sereno e firme daqueles outros adultos que ainda vai havendo (também eles pais, educadores e dirigentes, mais responsáveis, mais competentes e mais sérios) contra o egoísmo edonista e sem altura, contra o consumismo acrítico e gratuito, contra a droga e toda a espécie de poluição e agressão moral e ecológica, contra a fruição sem ética, sem estética, sem autodomínio e sem bússola, contra a contestação sem critério e sem regras, contra a subalternização do mérito e do valor, contra a permissividade, o oportunismo e a corrupção, contra a desfiguração da alma e do rosto do homem pelo esvaziamento da sua própria humanidade...

Acredito sinceramente acredito que da mobilização dessas imensas potencialidades e capacidades, tudo caldeado com a experiência, a prudência, a “visão” e a sagesa daqueles raros mas avisados e “aristocráticos” *senatores*, haja de surgir a certeza da modelação do país que vemos figurado no esperançoso poema de Ruy Belo, «*O Portugal futuro*»²⁵:

*«O Portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharam a giz
esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável
Mas desenhem elas o que desenharem
é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem
Portugal será e lá serei feliz
Poderá ser pequeno como este
ter a oeste o mar e a Espanha a leste
tudo nele será novo desde os ramos à raiz
À sombra dos plátanos as crianças dançarão
e na avenida que houver à beira-mar
pode o tempo mudar será verão
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o Portugal futuro.»*

Fernando Paulo Baptista

²⁵ Cf. Ruy Belo: *Obra Poética*, Lisboa, Editorial Presença, 1984, vol. 1, p. 145.

*Fomentar a co-responsabilidade eclesial e a participação em projectos
que promovam a dignidade humana e os valores evangélicos*

Eis o primeiro e imenso Objectivo que nos congrega como membros da vasta comunidade dos “antigos alunos” de Seminários agora congregados num “união de Associações”. Reunidos para reflectir sobre o primeiro e grande objectivo da UASP. A *corresponsabilidade* e a *participação* estão na moda. Não podem, porém ser mais um chavão... Sobretudo quando falamos de “valores evangélicos”. Somos muitos e já fazemos bastante, mas podemos ir mais longe se aprofundarmos a nossa consciência e compromisso social e eclesial.

Estamos a celebrar 50 anos do Concílio Vaticano II que abriu muitas janelas de esperança, mormente no que toca à participação dos leigos na vida da Igreja. Mas onde estão os leigos? Durante o Concílio Vaticano II, a *corresponsabilidade* era uma das palavras mais recorrentes. «O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja» (*Lumen Gentium*, 33). Depois, durante anos, desapareceu. Mas nos últimos tempos parece estar de volta²⁶.

Também em relação aos Antigos alunos dos Seminários, o inquérito e estudos apresentados no 1º Congresso de Antigos Alunos (Fátima 2009) mostra o que todos nós já pressentíamos: isto é, que estamos perante um gigante meio adormecido na Igreja e na sociedade. Uma legião de leigos qualificados que poderiam participar muito mais na promoção dos valores que receberam nas instituições por onde passaram.

Um potencial incalculável, que, entretanto, não rende frutos por falta de apoio ou ocasião. Talvez nem lhes tenha ocorrido que, com a formação recebida no seminário diocesano ou religioso, contribuiriam altamente para o enriquecimento da vida da Igreja. Sabemos que muitos dos nossos ex-seminaristas desempenharam ou desempenham um papel importante na vida social e eclesial. Mas quanto e quantos mais não poderiam dar um contributo enriquecedor, na catequese, na pastoral da juventude e da família, na ajuda em campos específicos – psicológicos, jurídicos, técnicos e outros. Seria muito fácil encontrar pessoas disponíveis que, além dos talentos profissionais, trazem experiências espirituais de valor.

Falta acordar sua memória e impulsionar-lhes o desejo de pôr em prática sonhos um dia acalentados.

Urge sarar feridas, purificar a memória, superar o saudosismo paralisante que nos leva a olhar só para trás, chorando as cebolas do Egipto; dar um passo em frente que nos permita passar das células fechadas (o *nosso* curso, o *nosso* seminário, a *nostra* congregação...). Há que acabar com os “torneios inter-seminários”, para investirmos nas olimpíadas da comunhão, no espírito de comunidade em rede; há que criar elos de ligação e corresponsabilidade que tornam mais visível e eficaz a nossa intervenção na

²⁶ *Um congresso organizado na França traz novamente à tona a "corresponsabilidade"*; Papa Bento XVI, fala da corresponsabilidade ao clero de Roma ; Os pontos de partida são o lema da Assembleia Geral do Episcopado Francês de 1973 ("Todos responsáveis na Igreja") e a exortação apostólica *Christifideles laici* ("Em virtude dessa dignidade batismal comum, o fiel leigo é corresponsável, com todos os ministros ordenados e com os religiosos e as religiosas, pela missão da Igreja"); Na conferência inaugural do IV Congresso Eclesial (Verona, 16 a 20 de outubro de 2006), o cardeal Dionigi Tettamanzi indicou a corresponsabilidade como "fundamento de uma relação entre os vários componentes do povo de Deus, rico e fecundo do ponto de vista eclesiológico"; Mas a bússola no "revival" da corresponsabilidade é constituída pelo discurso proferido no fim de maio de 2009 por Bento XVI na Basílica de São João de Latrão, na abertura do Congresso Eclesial da diocese de Roma, que teve como tema "Pertencimento eclesial e corresponsabilidade pastoral" ([leia aqui](#)). O Papa indicou os leigos como corresponsáveis na missão da Igreja. Eles não podem mais ser considerados como "colaboradores" do clero, mas devem ser vistos como "corresponsáveis" pela missão da Igreja. Uma exortação a se interrogar sobre a verdade de fé sentida e praticada pelos fiéis, especialmente pelos leigos, e sobre o quanto o seu pertencimento eclesial está aberto à corresponsabilidade pastoral; Como programa para o ano de 2010 a Diocese do Porto propunha-se o seguinte mote: "Reforçar a corresponsabilidade"; as Jornadas de Direito Canónico (23-25 de Abril) de 2009 assumiram como tema: "Os leigos e a corresponsabilidade na Igreja". Herman Van Rompuy, President of the European Council Speech at the Humboldt University, Walter Hallstein Institute for European Constitutional Law "The discovery of co-responsibility: Europe in the debt crisis" (Berlim, 2 de Fev. De 2012)

vida social, cultural, laboral... Reflectir e trabalhar mais por objectivos e projectos comuns, juntando sinergias, descobrindo juntos territórios de corresponsabilidade.

Tudo isto só é possível se trabalharmos todos por atenuar algumas barreiras e preconceitos. Um dos maiores é o que derivado da sensação de “abandono” que sentem os que “abandonaram” os Seminários. Um desses nossos ex-seminaristas confessava: «*A saída dos alunos dos colégios era considerada no meu tempo como sendo as "ovelhas tresmalhadas" que já não pertenciam ao rebanho e portanto o corte com eles foi radical. Não houve por parte do clero o menor esforço no sentido de continuar a ter o contacto dos ex-alunos e "aproveitá-los" como elementos activos para as comunidades em que se iram inserir, nem a ligação ao local onde foram educados. Assim, a maioria de nós ficou sem qualquer ligação directa à igreja*».

Se há um deficit de compromisso e participação, estes devem-se em boa parte à referida “ruptura dolorosa” que, por sua vez, levou, em muitos casos, senão ao total “corte de relações”, pelo menos ao substancial desinteresse por fazer da experiência adquirida no seminário uma mais valia no actual projecto de vida.

Como se percebe, pelo testemunho citado, há um árduo trabalho a fazer, tanto da parte dos que “saíram” como da parte dos que “ficaram” nos Seminários. Primeiro porque abandonar o seminário está longe de significar “abandonar a Igreja”, depois, porque é tão válida a decisão dos que saíram como a dos que ficaram, uma vez que, em ambos os casos, estão em causa percursos vocacionais diferentes e complementares. Para superar essa mentalidade de “santo resto” que olha para os ex como vocações traídas, bastaria recordar que, dos 37.179 indivíduos que entre 1922 e 2008 passaram por 19 seminários diocesanos, apenas 4.880 (13%) atingiram o sacerdócio. Seria lamentável que continuássemos a julgar o contributo dos Seminários apenas a partir desta minoria clerical, que tantas vezes olhou a maioria dos que “abandonaram” como “gente marcada”. Por outro lado, da parte dos que “saíram para nunca mais voltar”, há que encetar um renovado esforço no sentido de curar as mágoas e avaliar a experiência vivida no Seminário no seu todo e não apenas em chave negativista.

Sabemos que, na grande maioria desses casos, é muito fácil reestabelecer o contacto: basta um *clic*, um gesto, uma pessoa, um antigo colega; uma ideia mobilizadora de alguém que reconheça do capital cultural e espiritual que continua dentro e que realmente “nos liga”.

A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS ALUNOS FRANCISCANOS

Para não ficarmos apenas pelos propósitos ou diagnósticos, direi algo, sobre o que já temos de bom na experiência passada e actual da nossa Associação. Darei apenas alguns exemplos concretos que estão longe de retratar toda a realidade passada e presente.

A) No passado e no presente

i. Como é sabido, os franciscanos têm uma longa e rica história de valorização do laicado, graças à presença e acção da Ordem Terceira (hoje Ordem Franciscana Secular). Muitos dos nossos antigos alunos são “Franciscanos Leigos”, inseridos no mundo, como membros de Fraternidades Franciscanas espalhadas por todo o país. Não sei dizer quanto são, mas são muitos. A partilha dos valores traduz-se, neste caso, também na vivência dum mesmo carisma. É um grande empobrecimento as Congregações ou o Clero pensar que a espiritualidade ou “os carismas” são só para alguns que completaram o currículo²⁷.

²⁷ Os antigos alunos dos colégios franciscanos constituem um património enorme que precisa ser dinamizado, já que estão posicionados na sociedade portuguesa em todos os quadrantes. Os mesmos podem constituir uma mais valia para o ideal Franciscano, já que ao abandonarem os colégios Franciscanos levaram consigo um modo de estar, de pensar e de encarar o mundo e a vida que é único. Para quem é antigo aluno, como é o meu caso, fica-se amargamente com a sensação que por não termos abraçado o ideal franciscano em toda a sua radicalidade, como os consagrados, que não temos lugar no projecto de Francisco de Assis. Ora, o que aconteceu foi que todos foram esculpidos e construídos, pela mesma forma, nos colégios Franciscanos, mas só alguns foram os escolhidos por Deus para viver em radicalidade a vida franciscana. Todos os que passaram pelos colégios franciscanos são franciscanos e têm orgulho em proclamar bem alto. Tudo o que são, trouxeram dos seus

ii. Mas “o perfume de Francisco” não se respira apenas nesses que professa a Regra de S. Francisco, vivendo em família e no mundo. Constatamos que a maioria acalenta ensina e defende, na sua família, no local de trabalho, ou até envolvendo-se em causas e projectos, os valores da Paz, da solidariedade, do cuidado do outro e respeito de todas as criaturas, e da “perfeita alegria”...

iii. Muitos dos nossos ex-alunos exercem o sacerdócio comum de baptizados, como diáconos permanentes, como animadores da liturgia e do canto; envolvendo-se no serviço da caridade, nas respectivas paróquias...

iv. A Associação de Antigos alunos tem desempenhado um importante papel na recuperação dos elos e na promoção do espírito de família; e, sobretudo nos tempos mais recentes, na mobilização para as causas e projectos “franciscanos”:

- Colaborando com as Missões... (assinando a Imprensa, oferecendo bolsas de estudo, rezando pelos missionários e ajudando-os; Os casos de experiências missionárias de ex-alunos são, contudo, casos ainda esporádicos.

- O projecto *Domus Fraternitas*: Muitos antigos alunos formaram a “liga de amigos” desta Fundação e, pelo menos um representante da Associação integra os Corpos Directivos (o Actual presidente da Associação está na Direcção e é um dos grandes benfeitores). A nível individual, muitos orientam para esta obra a consignação do IRS; para além dos contributos pontuais mais ou menos regulares...

- Recorde-se que o projecto *Domus Fraternitas* lançou a sua semente nos anos 90, assumindo como primeiro fruto a “Comunidade Terapêutica S. Francisco de Assis” (Celeirós). Muitos Antigos alunos apoiaram e apoiam também esta *Comunidade*, primeira valência da *Domus Fraternitas*.

- Projecto *Poverello* (Montaril-Braga): Mais recentemente, em 2009, foi lançada mais “pedra” da *Domus Fraternitas*, com a criação do Centro *O Poverello* que nos remete, mais uma vez, para as origens humanitárias da aventura franciscana. Os membros da Associação de Antigos Alunos Franciscanos têm acompanhado muito de perto e ajudado este jovem centro.

“*Quem me der uma pedra receberá uma graça...*”, prometia Francisco de Assis quando, obediente ao mandato do Senhor *Vai e restaura a minha igreja em ruína*, ia recolhendo pedras para restaurar a igreja da S. Damião. Cada vez são mais os antigos alunos que se comprometem neste movimento construtivo da casa comum dos valores cristãos e humanistas.

v. A formação dos nossos seminários tiveram sempre uma vertente missionária.... O serviço ao outro, Não admira que de lá saíram grandes obras: Abel Correia Pinto, Filipe Tojal, David Azevedo, Adelino Pereira, Simões Alfaiate...²⁸ Guiné Bissau: Pe. Francisco Macedo, Artur Neves etc. Não admira também que boa parte dos actuais antigos alunos, estejam envolvidos em causas sociais e humanistas.

B) No Futuro

Quantas vezes ouvimos dizer, entre nós: “falta algo”, “falta-nos alguma coisa”, “poderíamos fazer muito mais... como Associação”.

É uma inquietação positiva que mostra que há um trabalho e caminho a percorrer:

- Alguns dos nossos antigos alunos disponibilizam-se para prestar regulares serviços à Província, nas respectivas áreas de formação. Mas haverá que passar desta *colaboração* esporádica ou a título pessoal a uma *participação* mais organizada e efectiva, em suma, *corresponsável*.

educadores, Os colégios Franciscanos foram escolas de valores. Muito gostaria de ver feita uma obra que perpetuasse, para sempre, os professores e os antigos alunos dos colégios Franciscanos.

²⁸ Seminários das Missões: formaram o clero local (primeiro padre, bispo, cardeal de Moçambique é franciscano); Amatongas, Chimoio...

- Para superar a dicotomia “lá fora” - “cá dentro” e esbater a distância de que já falámos seria desejável que os seminários não se limitassem a dar mero “apoio logístico” aos antigos alunos e suas associações, mas que se abram naturalmente como “sua casa”, acolhendo-os como irmãos na mesma Igreja e espiritualidade franciscana.

- “A seara é grande”, dizemos. *Mas os trabalhadores continuam a ser poucos*. Porque deixar de fora esses “outros” trabalhadores? Essa riqueza imensa de que a Nova Evangelização tanto necessita.

- O voluntariado não tem entre os nossos ex-alunos ainda expressão significativa nem organizada, Embora conheçamos casos de antigos alunos envolvidos em iniciativas missionárias, e outras.

- Aproveitar as vantagens de sermos e funcionarmos em rede de Associações e de pessoas. Agora já somos uma Associação de Associações. Isto não significa, de forma alguma, que vamos prescindir da nossa identidade “franciscana”. Antes nos desafia a levarmos mais longe os nossos valores e convicções, sempre abertos, a enriquecer-nos com os tesouros dos outros.

- Já fazemos muita coisa, mas não damos a conhecer o que fazemos. Haveria que dar a conhecer e divulgar mais o que de bom se vai fazendo, tanto da parte: projectos pessoais, locais ou provinciais.

- Ainda não conseguimos garantir uma presença dos Antigos alunos nas páginas das nossas publicações e nos painéis das nossas iniciativas culturais, quando sabemos do vasto e rico leque de gente que escreve, investiga ou

Propostas

1. Proposta (Proença): Para levar mais além a UASP: “Se houver abertura e vontade de participação a corresponsabilidade vem por acréscimo e de forma natural”.

Neste sentido deixo algumas dicas (e respectivos orçamentos) que a UASP poderia adoptar no sentido de angariar mais membros e difundir o seu raio de ação:

a. Criar um site representativo da organização (80€ anuais);

b. Criar uma rede social (do tipo da nossa montariol.ning.com) para comunicação síncrona e/ou assíncrona com os diversos elementos (numa fase inicial, cerca de 20€ anuais).

c. Poder-se-ia pensar ainda em adotar o e-mail como forma de comunicação, usando os blogs, sites, fóruns e até, porque não, o próprio facebook (a UASP também não está presente no facebook) para permitir um trabalho colaborativo e participativo.

2. Proposta: Reunir uma biblioteca documental (num mesmo local ou em rede) do que produziram os Antigos alunos. Seria, pelo menos, muito importante coligir tudo o que se produziu *sobre* o Seminário *pelos* seminaristas.

Concluo com uma história muito antiga, que se repete todos os dias e talvez tenha cada um de nós por protagonista:

Desde os tempos mais remotos que em todos os ângulos da terra encontramos quatro indivíduos: “cada um”, “alguém”, “qualquer um” e “ninguém”.

Tendo de executar uma tarefa urgente, a “cada um” foi pedido que realizasse uma tarefa importante. Mas “cada um” procurou “alguém” que o fizesse, ciente de que “qualquer um” o poderia assumir. Mas “ninguém” fez nada. “Alguém” se irritou porque considerava que “cada um” se deveria sentir capaz e responsável por tal tarefa, mas “ninguém” percebeu que “cada um” dada faria. E então “alguém” gritou para “alguém”: Porque é que “ninguém” fez aquilo que “cada um” deveria fazer? A pergunta ficou no ar e a tarefa por fazer.

Quantas ideias e projectos bonitos e válidos morrem antes de nascer por causa desta cadeia de “irresponsabilidade”!

A melhor resposta é a de Francisco, formulada na célebre oração a ele atribuída:

Senhor: Fazei de mim um instrumento de vossa Paz.

Onde houver Ódio, que eu leve o Amor,

Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.

Onde houver Discórdia, que eu leve a União.

Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.

Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.

Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.

Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.

Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!

Como antigos alunos, como filhos da mesma casa, mas sobretudo como actuais membros desta Igreja necessitada de “pedras vivas”, temos que nos “associar” nesta causa comum de reedificar o edifício sempre renovável de uma cultura e sociedade verdadeiramente humanizante e libertadora.

Isidro Lamelas

Responsabilidade e participação

Ao intervir neste primeiro Fórum da UASP, quero partir do Vaticano II e a redescoberta do papel dos leigos na Igreja, e do modo como alguém tão emblemático, o cardeal Martini, arcebispo emérito de Milão, falecido recentemente, enfocou o problema da comunicação na Igreja. Terei em atenção as notas do padre Yves Congar sobre o Vaticano II.

Em 21 de Novembro de 1964, foi votada a Constituição Lumen Gentium, sobre a Igreja. O capítulo II é dedicado à Igreja como Povo de Deus, e o cap. IV trata dos Leigos. Melhor, daqueles fiéis cristãos que se chamam leigos. «Com efeito, se é verdade que todas as coisas que se disseram a respeito do Povo de Deus se dirigem igualmente aos leigos, aos religiosos e aos clérigos, algumas, contudo, pertencem de modo particular aos leigos, homens e mulheres, em razão do seu *estado (condição) e missão*. (LG, 30. 1). Há aqui duas palavras essenciais: os leigos são cristãos que, aos olhos das pessoas, têm uma *condição (estado)* comum, mas que, aos olhos da Igreja, têm uma *missão* muito própria. O Concílio afirma que o facto de ser *cristão leigo* constitui um estado assinalável. A secularidade absoluta do leigo é de facto uma característica essencial da sua identidade cristã, que o diferencia plenamente dos clérigos e mais ainda dos religiosos. A esta luz, o mundo aparece como o local por excelência para o crescimento do homem e da fé em Cristo. A condição temporal ou secular é o próprio do leigo, mas sem esquecer a sua missão: *viver nele (mundo) como cristão*. É esse o paradoxo.

O Concílio define os leigos, não por referência aos clérigos, mas por referência a Cristo. «Por leigos entendem-se.. os fiéis que, incorporados em Cristo pelo baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo». (LG, 31). Os leigos não são cristãos marginais, com uma comunhão intermitente ou pelo menos indirecta com o Senhor. Eles são os seus próprios membros e vivem da sua vida. A sua grandeza de cristãos é a grandeza de Cristo em que eles participam pessoalmente. É Ele que, pelos sacramentos da iniciação cristã, se entrega verdadeiramente a eles. É Ele que os alimenta na eucaristia, que os perdoa na reconciliação, que os santifica pelo amor, no matrimónio. É Ele que se coloca ao seu serviço na Ordem e que consuma a sua finitude unindo a sua morte à sua Ressurreição pela união dos doentes» (LG, 11-12). Mais ainda: sendo Cristo o verdadeiro profeta, o sacerdote e rei, faz de todos os que incorpora, profetas, pois que, iluminados pelo Espírito Santo, os cristãos podem anunciar aos outros o evangelho de Deus (LG, 35, 2); sacerdotes, capazes de, em conjunto ou sós, adorar Deus Pai em espírito e verdade (LG 41, 1) e reis, pois que, morrendo em Cristo para o pecado, entram na liberdade do Espírito e esperam dele e nele a revelação da glória dos filhos de Deus (LG, 36, 2).

Assim iniciados ao mistério pessoal de Cristo, os baptizados são verdadeiramente constituídos em Povo de Deus (LG, 31, 1), pois que este é, em Cristo, um povo sacerdotal, profético e real (LG, 10, 11, 12 e 13). Não há qualquer distância espiritual na Igreja entre o Senhor e os seus. Isto é mesmo a nossa maravilha como fiéis cristãos, mas só constituirá uma verdadeira surpresa se nos esquecermos da presença e acção do mistério unificante do Espírito. É Ele que, fazendo os cristãos confessar o senhorio divino de Jesus, os faz descobrir também com que plenitude Ele se deu aos seus, para que, tornando-se a vida de Deus verdadeiramente a vida deles, eles possam viver no mundo como suas testemunhas. (Gustave Martelet, p. 241)

O Concílio insiste fortemente em que o leigo deve à sua existência em Cristo o seu dever e o seu poder de agir como cristão no mundo, isto é, de nele viver como apóstolo, ou ainda, como testemunha e sinal do Senhor. Cristo funda para o cristão uma acção temporal, que é ou se deve tornar, na sua

densidade própria, um sinal do Reino. A condição temporal dos leigos faz parte integrante da sua missão cristã: «vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e actividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência. São chamados por Deus para que, aí, exercendo o seu próprio ofício, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. Portanto, a eles compete, especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor». (LG, 31, 2).

«É trabalho de toda a Igreja tornar os homens capazes de construir harmoniosamente a ordem temporal e orientá-la para Deus, por meio de Cristo». (AA, 7, 3). A missão da Igreja não consiste apenas em levar aos homens a mensagem de Cristo e a sua graça, mas também em penetrar e aperfeiçoar a ordem temporal por meio do espírito evangélico.

O leigo, unido nele, pela sua união com Cristo, os contrários que Cristo reúne, jamais será cristão se não se tornar cada dia mais homem. E jamais crescerá como humano sem se unir ainda mais a Cristo no qual todo o humano se origina e integra. Por isso «Os leigos devem assumir como tarefa própria a renovação da ordem temporal. Esclarecidos pela luz do Evangelho, conduzidos pelo espírito da Igreja, movidos pela caridade cristã, eles devem agir por eles mesmos neste domínio e fazê-lo de uma maneira determinada». (AA, 7, 5). Fazer isso é preparar o mundo para o Evangelho, porque, agindo de tal maneira, eles penetram de valor moral a cultura e os trabalhos do homem. E ao mesmo tempo, agindo desta maneira, o campo do mundo será melhor preparado para receber a semente da palavra de Deus, e as portas abrir-se-ão mais largamente à Igreja para que entre no mundo o anúncio da paz. (LG, 36, 3).

O Vaticano II considera a vida dos leigos como uma linguagem existencial que prepara os corações para o Evangelho. A finalidade do apostolado no meio social não é outra que penetrar de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que cada um vive. A preparação evangélica consiste, no meio da banalidade da vida quotidiana, em cada um se abrir e, por esse próprio facto, levar os outros a abrirem-se à verdade da Mensagem de que é testemunha ordinária e por isso mesmo convincente.

«Deus resplandece em todo aquele que acolhe, que se supera, que não se resigna à mediania. Deus reluz nas vidas que não se contentam com o programado, com o previsível. Deus flui nas surpresas e brilha nas esperanças de quem não desiste nas horas de obscuridade. Deus ‘passeia-se’ na brisa que palpita em corações que acreditam no amanhã. E que, por isso, continuam a dar tudo no hoje de cada dia. Neste campo, a linguagem não verbal é mais eloquente que a linguagem verbal.

Sobre Deus, o decisivo não é dizê-lo; é *transparecê-lo*. Deus não cabe em nenhum conceito, mas sentimos que vai passando em muitas vidas. Nas vidas daqueles que O respiram, amando. O conhecimento pode *demonstrar* Deus. Mas só o amor O conseguirá *mostrar*.» (João António Pinheiro Teixeira, DM, 18/9/2012)

«Deus não é Alguém a quem temos que amar; mas Alguém por quem temos que deixar-nos amar». (Michel Quoist). Daí a irrenunciável atitude de contemplação e escuta de Deus amor, que nos levará à profunda humildade e gratidão, os autênticos condimentos de uma espiritualidade verdadeiramente evangélica. Pergunta Paulo a Francisco de Assis: - que tenho de fazer para ser cristão?

- Acreditar que Deus te ama.
- Mesmo que seja um blasfemo e um perdido?
- Sim. Mas tem bem presente que tens que acreditar de verdade.

«A verdadeira grandeza é a de ser dócil em servi-LO nele mesmo e no seu plano de amor». (Yves Congar, *Mon Journal du Concile 1*, p. 384)

«Semelhantes a todos os humanos, e todavia abrindo-os a uma vida completamente diferente, eles (os leigos) são a alma do mundo» (LG, 38)

Quando dizemos que a Igreja é verdadeiramente o Corpo de Cristo, o que estamos a afirmar é que ela só nele permanece e cresce pela acção contínua que nela exerça a sua Cabeça (Cristo), pela acção do Espírito Santo. Se esta acção do Espírito Santo cessar, também deixa de crescer um Corpo em que o Evangelho, os sacramentos e os ministérios do Espírito são o coração e o sangue da sua vida.

Temos também que compreender bem a função da autoridade na Igreja. É um serviço para que se dê um crescimento autêntico do corpo, que é a Igreja. A etimologia é significativa. Autoridade vem do verbo *augere*, que significa crescer ou acrescentar. É porque a Igreja depende de Cristo e se deve a Ele unicamente, que ela deixaria de existir como Igreja, isto é, como sacramento de Verdade, de Vida e de Caminho salvador, se Cristo deixasse de a assistir, como se não tivesse sido Ele que a fundou. Além do mais, é necessário que, na diversidade das opiniões dos homens, dos seus costumes e dos seus ritos, na multiplicidade das formas da história, a Igreja possa sempre discernir, a fim de que se manifeste sempre a identidade do seu único Autor: «O mesmo ontem, hoje e sempre». (Heb, 13, 8) «Só caminho da Verdade é caminho de sucesso. O essencial não está tanto em deixar uma obra, mas em ter uma vida (dizia João XXIII)» (Congar, 385) O mais decisivo não são as ideias, mas o coração. Todavia, precisamos de ideias. (Id, Ib)

Na relação dos leigos com os padres, o que deve estar bem claro é que a grandeza espiritual dos leigos, longe de anular, evoca e faz desenvolver a beleza do serviço espiritual que os sacerdotes lhes devem.

O mistério da Igreja é o do amor que ela recebe do Pai, pelo Filho no Espírito. Sendo um amor que é sempre recebido, o amor de que vive a Igreja e do qual ela deve fazer viver, leva gravado sobre ele a marca soberana do dom, e é o mistério hierárquico da Igreja: Cristo chega até nós por meio do facto objectivo do *outro instituído* para este efeito. Mas porque este amor é real, sempre significado como um dom, é-nos também assim sempre realmente *comunicado*. Ele cria entre todos e para todos esta *comunhão fraterna absoluta, pela qual o Espírito nos significa* que o seu amor dado tem todo o gosto de um amor aceite e vivido. A Igreja mostra, assim, que ela não é de instituição humana, mas de Deus, porque nada de humano jamais fundaria sobre uma tal distinção uma tão profunda unidade. (GM, 271)

Graças ao apoio incessante do Senhor, a distinção entre padres e leigos permanecerá o que ela sempre deve ser e o que ela é: o sinal indefectível do mistério dos cristãos, gerados pelo Pai, em Cristo, pelo único Espírito. Vivendo portanto a espantosa síntese de uma *autoridade objectiva* que liberta os corações, e uma *liberdade interior* que aceita passar por outro para se encontrar a si mesmo, o povo de Deus deve revelar que um mistério completamente novo foi dado ao mundo, e que a Igreja é, na história, o que já afirmava São Cipriano e o que diz depois dele o concílio: «O povo unido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo». (LG, 4,2 e GM, 271). Se pensássemos a sério sempre que nos benzemos!

Quase 48 anos depois da Lumen Gentium, Martini, pouco tempo antes de morrer, recorda-nos o essencial a propósito da comunicação que toda a responsabilidade eclesial comporta. Para ele, a comunicação maior e absolutamente radical é a que se dá na noite de Páscoa no sepulcro de Jesus. O Espírito Santo, vivificando Jesus ressuscitado, comunica ao seu corpo o poder do próprio Deus. Comunicando-se a Jesus, o Espírito comunica-se a toda a humanidade e abre o caminho para toda a autêntica comunicação. Autêntica porque comporta o dom de si, superando, assim, a ambiguidade da comunicação humana, na qual nunca se sabe até que ponto estão implicados sujeito e objecto.

A comunicação será, pois, antes de mais, aquela que o Pai faz de si a Jesus; depois aquela que Deus faz a todo homem e toda a mulher, e só então aquela que nós fazemos reciprocamente sobre o modelo desta comunicação divina. O Espírito Santo que recebemos graças à morte e ressurreição de Jesus e que nos faz viver à imitação do próprio Cristo, preside em nós ao espírito de comunicação. Ele coloca em nós características, como a dedicação e o amor pelo outro, que nos fazem lembrar as do Verbo Incarnado. Daqui poderemos deduzir algumas conclusões sobre todo a nossa relação comunicativa e a nossa responsabilidade eclesial.

1º- Toda a nossa comunicação tem na base/raiz a grande comunicação que Deus fez ao mundo de seu Filho Jesus e do Espírito Santo, por meio da vida, morte e ressurreição de Jesus e a própria vida de Jesus na Igreja. Compreende-se, por isso, como os Livros Sagrados que, no essencial, falam desta comunicação, são obras de grande valor para a história do pensamento humano. É verdade que também os livros de outras religiões podem ser ricos de conteúdo, mas isso é devido ao facto de que subjaz aos mesmos o dado fundamental de Deus que se dá ao homem.

2º- Toda a comunicação deve ter presente como fundante a grande comunicação de Deus, capaz de dar o ritmo e a medida justa a todo o gesto comunicativo. Daqui se segue que um gesto será tão mais comunicativo, não só comunicando informações, mas na medida em que põe em relação as pessoas. Eis por que a comunicação de uma verdade abstracta, também na catequese, aparece carente a respeito da plena comunicação que se radica no dom de Deus ao homem.

3º. Toda a mentira é uma recusa desta comunicação. Quando nos confiamos com coragem à imitação de Jesus, sabemos que estamos também a ser verdadeiros e autênticos. Quando nos afastamos deste espírito, tornamo-nos opacos e não comunicadores.

4º. Também a comunicação nas famílias e nos grupos depende deste modelo. Ela não é apenas transmissão de ordens ou proposta de regulamentos, mas supões uma dedicação. Um coração que se dá e que, portanto, é capaz de mover o coração dos outros.

5º. Também a comunicação na Igreja obedece a estas leis. Não transmite apenas ordens e preceitos, proibições e recusas. É intercâmbio de corações na graça do Espírito Santo. Por isso as suas características são a mútua confiança, a parrésia (= liberdade de linguagem, franqueza, afirmação corajosa, arrojada), a compreensão do outro, a misericórdia.

Creio que daqui deriva com clareza a nossa identidade e missão, de que a co-responsabilidade eclesial em projectos que promovam a dignidade humana e os valores evangélicos é lógica consequência e apelo indeclinável.

Atribui-se a Madre Teresa de Calcutá a frase: «Penso que os políticos passam demasiado pouco tempo de joelhos». Não se aplicará também a nós, cristãos leigos?

Sabemos a resposta ao jornalista americano que louvava a dedicação aos mais miseráveis, mas achava um desperdício o tempo dedicado à oração, quando continuava a existir imensa gente à espera de ajuda: «lamento imenso, mas o senhor não compreendeu nada do que nós somos».

Não sobrarão demasiado voluntarismo e não faltará muita mais contemplação e escuta daquele que realmente nos ama e nos quer impulsionar a amar? Pouco vale uma fonte de água fresca a jorrar, se os sedentos e sequiosos não se derem ao cuidado de se aproximar dela e beber.

Os que aqui estamos rejeitamos certamente o oportunismo e o ingénuo voluntarismo. E pensamos que há milhares que podiam e deviam cá estar e pertencer às associações de antigos alunos dos seminários. Mais que lamentar, sugiro que seja a nossa alegria de estar, a felicidade e gratidão de nos encontrarmos, e o renovado apelo e incentivo a acreditarmos que Ele realmente nos ama, a irem fazendo o trabalho abnegado que, abençoado por Deus, produzirá certamente os frutos que só Ele conhece em profundidade.

Carlos Vaz

C - Painei II

UASP - União e representação

Artº 2º dos Estatutos - Ponto 2

União e Representação
(Apresentação em powerpoint)

Sugestões

1. Hipótese da constituição de um FUNDO DE APOIO, no âmbito da UASP, destinado a apoiar qualquer antigo aluno e/ou familiar.
2. Criação de actividades, de natureza cultural, recreativa e até de apoio domiciliário, destinadas à ocupação de tempos livres de pessoas idosas, a nível de voluntariado de natureza laica.
3. Apoio voluntário em centros de acolhimento; lares de idosos; centros de dia; sob coordenação de um organismo diocesano de voluntariado.

Armindo Carolino

União e representação

1 - Antes de dizer o que pensamos, parece interessante dizer quem somos. E começo com um apontamento autobiográfico:

Conclui o primeiro ano do Curso de Filosofia no Seminário do Funchal, e o Terceiro Ciclo do Ensino Secundário no Liceu de Jaime Moniz, também no Funchal. Fiz o Curso de Oficiais Milicianos em Mafra, e comandi um Grupo de Combate nas matas da Guiné. Licenciiei-me em Engenharia Eletrotécnica, pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa. A minha vida profissional e familiar aconteceu em Castelo Branco, cidade onde casei e tive dois filhos. Aposentei-me. Das memórias, (sempre vivas), da guerra (*que fomos obrigados a enfrentar*), publiquei recentemente dois romances: «Do Cacine ao Cumbijã» e «O Corredor de Lamel». Esta última obra foi apresentada em Maio, no Funchal, pelo amigo Manuel Gama, presidente da nossa Associação naquela Diocese. E, foi na sequência desse evento que recebi o convite para me associar aos Antigos Alunos do Seminário.

Foi-me dada a incumbência de participar neste Fórum, e é com enorme prazer que estou entre vós, para usar da palavra neste painel.

2 – Assim:

Do ponto de vista da Associação do Funchal, o *Papel da UASP*, assume especial relevância, no contexto da disposição estatutária: *Unir e Representar*.

Unir as Associações de Antigos Alunos do Seminário, em torno das linhas de ação determinantes: - Unir conceitos, unir ideais, unir decisões e esforços.

Esta *união* permite construir um desejável patamar de «*Sinergias internas*», que dependem apenas do querer, do labor e da disponibilidade das várias Associadas.

No entanto, *se quisermos seguir mais longe*, se quisermos dar um salto qualitativo na prossecução dos nossos objetivos, é necessário aliar a nossa dinâmica aos esforços de muitas outras Entidades, designadamente as «*Instituições eclesiais e civis*».

Só assim, (em franca cooperação), será possível atingir um «*patamar superior de sinergias*», e colocá-las ao serviço da ação que a doutrina cristã proclama.

É precisamente neste domínio, na articulação com outras Instituições, que o papel de representação atribuído à UASP se revela de importância decisiva, indispensável, porventura insubstituível.

Acreditamos que a UASP, em razão do seu estatuto e da sua universalidade, dispõe de alavancas capazes de quebrar algum «*gelo latente*», capazes de estabelecer as pontes necessárias à eficácia da cooperação desejada

E este papel de representação, como «*embaixadora em prol das sinergias*» assumirá relevância maior, naqueles casos, (ou naquelas Dioceses), em que tal articulação se tenha revelado difícil e de resultados insipientes.

E porquê? ... e porquê articular as nossas dinâmicas com a ação dos responsáveis pela condução da «igreja»?

A resposta está nas palavras, nas atitudes e na vida quotidiana do próprio JC.

Na «Igreja» que Ele instituiu, todos são chamados a «trabalhar na ceara do Senhor».

Nós, Antigos Alunos dos Seminários, estivemos entre os *jovens privilegiados* da nossa geração.

Adquirimos competências, que podem ser postas ao serviço da doutrina solidária legada por Cristo, (sobretudo nos dias de muita incerteza que hoje se espalham por aí).

Crescemos envoltos nos ensinamentos, na fé, e também num ambiente de ciência e humanidade, disciplina e rigor.

O nosso estigma e o nosso carácter foram moldados dentro das paredes do Seminário, à medida que deixávamos de ser crianças e nos fazíamos adultos.

E, por mais que se pretenda disfarçar, é patente, é notório. Um Antigo Aluno do Seminário transporta sempre consigo qualquer coisa que o distingue dos demais concidadãos.

Consciente, ou inconscientemente, ele observa o mundo com outros olhos, ele exprime-se de maneira diferente. Encontra as palavras apropriadas para falar dos seus conceitos. Ele, no mínimo, conhece a etimologia das palavras e a importância dos «casos e das declinações».

As palavras e as frases, a retórica que utilizo neste momento, são a prova disso mesmo.

Este potencial, sempre latente nos Antigos Alunos dos Seminários, pronto a emergir em qualquer circunstância, pode, (e deve), ser aproveitado no amanhã solidário da «ceara do Senhor».

Assim o queiramos partilhar!...

Assim o aceitem, também, os consagrados para a condução da «Igreja»!...

E estamos em crer que muitos de nós querem partilhar.

Partilhar as experiências, (e o saber de experiência feito), ambos enraizados nos princípios que forjaram a nossa juventude.

Sabemos que «a missão da Igreja, alicerçada na doutrina solidária de Cristo, não é apenas «obrigação dos outros».

Acreditamos que tal missão não seja da exclusiva responsabilidade do Clero, das Ordens religiosas, ou das muitas Confrarias que promovem as mais diversas devoções.

E porque, (nos dias que correm), não podemos encolher os ombros, entendemos que a missão da «Igreja» é de todos!... De toda a comunidade cristã.

Creemos, portanto, que não haverá «exclusivos», nem «excluídos», quando se trata de cumprir a missão de solidariedade instituída por Cristo.

Mas somos chamados a fazer o quê?

Somos chamados a prestar atenção às preocupações do nosso semelhante.

Chamados a «amar o próximo»!...

Deus não precisa, (nem quer), que estejamos preocupados em Ele!...

Ele sabe resolver os Seus problemas.

Os Homens e mulheres, que são o «nosso próximo», esses sim, têm muitos e graves problemas por resolver.

Também não me parece que seja necessário despender demasiado tempo, extasiados, no doce enlevo do «Amar a Deus».

Basta que «Amemos o nosso semelhante»!

Caso contrário, escusado será repetir, insistentemente, que se «Ama a Deus».

O próprio Jesus Cristo poucas vezes se demorou a falar sobre Deus Pai.

Passou o tempo todo a falar dos homens e das mulheres, a preocupar-se com as misérias terrenas.

Amava o seu povo, o seu rebanho, e dava especial atenção às ovelhas tresmalhadas.

A título de exemplo, lembremos algumas passagens:

- «O Filho pródigo».
- As Bodas de Caná.
- A multiplicação do pão e do peixe.
- A Ressurreição de Lázaro.
- «Quem estiver livre de culpa atire a primeira pedra!»
- «Deixai vir a mim as criancinhas!...».

- *Perdoai a quem vos tenha ofendido.*
- *«Amai-vos uns aos outros!...»*

«Ser Igreja», no contexto das vivências de JC, é participar, é dar algo de si próprio. É não se autoexcluir. É não excluir ninguém.

Como cumprir o grande mandamento? «amar o próximo», (hoje como ontem)

- *É não deixá-lo cair, (se precisar de ajuda)*
- *É incitá-lo a levantar-se, (se tiver caído)*
- *É não substituí-lo, no que ele tem de fazer por si próprio.*
- *É libertá-lo!*
- *É «ensiná-lo a pescar».*
- *É não lhe entorpecer o seu instinto natural de sobrevivência.*

Deus dá-nos os alimentos, mas exige dignidade.

Exige que façamos render «os talentos» que Ele próprio nos deu.

E, neste contexto, creio que a nossa missão deverá ser:

- Testemunho
- Partilha
- Participação.

Testemunho da nossa conduta, que não sendo isenta de culpas, se rege pela matriz dos valores enraizados na envolvente dos Seminários.

Testemunho das nossas experiências, (da nossa autoestima), através da palavra, da escrita, da música, ou de qualquer outra forma de comunicação.

Partilha de um gesto, de quem conseguiu encontrar um caminho para resolver os mesmos problemas.

Partilha do peixe, se o peixe teimar em não cair nas redes do nosso semelhante.

Participação individual no apontar de soluções, (ponderadas e credíveis).

Participação integrada na atividade que as «Entidades eclesiais e civis» promovem, ao serviço da nossa comunidade.

3 - A Associação do Funchal está disponível, na medida em que os leigos podem dar o seu contributo, (na medida em que os AAS podem retribuir o quanto a «Igreja» e o Seminário fizeram pelo seu carácter, pela sua formação intelectual, humana e cristã).

Em conclusão:

Pensamos que a UASP poderá desempenhar um papel ativo e fulcral, no esclarecimento e aproximação das diversas vontades, para que as linhas de ação se conjuguem, para que não se percam «sinergias, nem contributos».

Deixo, ainda, umas notas soltas:

«A Igreja é missionária no seu conjunto e em cada um dos seus membros» - (Bento XVI).

«O dom da Fé chama todos os cristãos a cooperarem na Evangelização» - (Bento XVI).

Uma nota fulcral:

«Labor pelos homens»
No «Louvor a Deus»
e
«Louvor a Deus»,
No «Labor pelos homens»

ou seja:

- Impedir que os homens tombem,
- Impedir que se acomodem!...

Não tenhamos medo!...

Neste mundo, só podemos ter medo de duas coisas: «Medo de viver... ou medo de morrer!...»

- Só tem medo de morrer quem não quer enfrentar a consciência!...
- Só tem medo de viver quem não quer enfrentar a vida!...

Guilherme Ganança

Congregar, coordenar e representar junto das instituições eclesiais e dos organismos oficiais, a nível nacional e internacional, as suas associadas.

Recomendação: “Partir da realidade da respectiva Associação, de projectos onde, porventura, antigos alunos participem, e, olhando para a realidade social e eclesial que nos envolve, perspectivarem possíveis caminhos de reflexão e acção”:

A) Não sei se alguma Liga/Associação de Antigos Seminaristas tenha já algum Projecto ou experiência relacionados com a *“realidade social e eclesial”*, conforme a *“recomendação”* dos organizadores do Fórum!

A LASE (Liga dos Antigos Seminaristas de Évora), que já existe há 56 anos (fundada em 1956 e com os Estatutos aprovados em 1960), tem como principais objectivos - artigo 4.º:

- 1 - Congregar os antigos alunos dos Seminários da Arquidiocese de Évora, fomentando e apertando cada vez mais os laços da amizade contraída no Seminário.
- 3 - Auxiliar materialmente o Seminário, com subsídios permanentes ou eventuais, amortizando assim, na medida das suas possibilidades, a dívida de gratidão contraída com a instituição que totalmente ou em grande parte os formou para a vida.
- 4 - Prestar todo o auxílio possível aos membros dele carecidos.
- 5 - Colaborar na propaganda da Obra das Vocações Sacerdotais.

No artigo 16.º diz: “A Direcção promoverá conferências de antigos alunos, sacerdotes ou leigos, nos Seminários Arquidiocesanos”.

No artigo 18.º, n.º 5, afirma, a propósito dos Delegados: “Fomentar pequenas reuniões regionais de confraternização de antigos alunos dos Seminários Arquidiocesanos de Évora, a propósito de casamentos, baptizados, aniversários, palestras, etc.”

Portanto, partindo da realidade da LASE e, segundo os seus Estatutos, ela foi fundada para “congregar” os milhares de antigos alunos dos Seminários Diocesanos (lasistas), especialmente os não sacerdotes (porque em maioria e mais afastados da Arquidiocese de Évora), espalhados por todo o território nacional e até no estrangeiro, para reactivar a amizade cimentada nos bancos do Seminário; depois da reaproximação aos Seminários Diocesanos, após tantos anos de afastamento, o objectivo da LASE era despertar nos antigos alunos o sentimento de reconhecimento por tudo o que de bom haviam recebido no Seminário (formação humana, espiritual e cultural) e consequente gratidão, concretizada no *“auxílio material”* aos Seminários Arquidiocesanos e na ajuda promocional de vocações sacerdotais, assim como na inter-ajuda dos seus filiados (ajudando todos os que se encontravam em mais dificuldades económicas – após a saída do Seminário e enquanto não concluíam um *“Curso”* e conseguiam um *“emprego”* estável).

Podemos dizer que tudo isto se concretizou, especialmente nas primeiras décadas:

- 1) Com a realização das chamadas *“Romagens de saudade e gratidão”* anuais aos Seminários de Évora e de Vila Viçosa, que congregavam centenas de lasistas e familiares.
- 2) Na entrega das quotas estabelecidas e de generosos donativos para *“Bolsas de Estudo”*.
- 3) Os lasistas mais velhos e melhor *“estabelecidos na vida”* protegiam os mais novos e com mais dificuldades.

Podemos acrescentar e, ainda segundo os Estatutos, outro objectivo da LASE era a *“promoção cultural”* entre os seus membros (artigo 16.º).

Assim, antigos alunos, altamente “cotados” nesta área (Professor Hernâni Cidade e outros), iam ao Seminário Maior de Évora proferir palestras sobre os mais variados temas; também nas “Romagens” anuais ao Seminário e nos “Encontros Regionais” havia e há sempre uma “componente” cultural (palestra ou visita de estudo a monumentos).

Termino esta primeira parte, dizendo, que, actualmente, a LASE promove todos os anos um Calendário de Actividades muito alargado:

- Festa Anual nos Seminários de Évora (Fevereiro) e de Vila Viçosa (Março), alternadamente.
- Encontros Regionais: Norte, Beiras, Lisboa e Sul (Alentejo).
- Encontro Nacional em Fátima (Outubro).
- Encontros de Cursos – hoje mesmo está-se a realizar-se um encontro na zona de Setúbal.
- Celebração das Bodas de Ouro de entrada no Seminário. Amanhã realiza-se em Vila Viçosa a comemoração das Bodas de Ouro do ano 1962/63.
- Almoço de Natal a realizar em Dezembro, na Zona Norte e outro da Zona Sul, sendo este realizado no Seminário de Évora.
- A LASE tem como órgão informativo os *Ecos da Lase* que, trimestralmente, levam ao conhecimento de cerca de 1.200 lasistas tudo o que acontece de importante a nível da LASE e da Igreja.

B) Se, conforme o referido anteriormente, a LASE se tem “preocupado” mais com os antigos alunos dos Seminários de Évora e seus familiares, não quer dizer que não haja lasistas “altamente” empenhados nas mais diversas actividades sócio-culturais, mas não temos nenhuma inventariação nesse sentido.

C) Portanto, em relação ao âmbito do II Painel, a LASE tem congregado e coordenado os seus membros para uma série de “actividades” “sócio-culturais-religiosas” que consideramos muito importantes.

Quanto à UASP, a LASE considera que, através dos seus Órgãos representativos, deve fazer “ouvir a sua voz autorizada” junto dos Organismos eclesiais e civis, tanto a nível nacional como internacional. *Se qualquer sindicato, associação ou “grupinho” se pronunciam, constantemente, sobre as mais variadas “realidades” da vida nacional: religião, política, trabalho, ensino, saúde, família, comportamentos, etc., etc., porque é que os antigos alunos dos Seminários portugueses, que adquiriram nos Seminários e na Universidade da vida, tantos conhecimentos, vivências, etc. não hão-de ter um “parecer” autorizado, em consonância com a sua consciência e que tenha “eco” positivo na sociedade?*

E assim termino a minha intervenção, agradecendo a todos a benevolência e atenção prestada, esperando ver-vos no próximo ano em Évora, onde poderão vislumbrar a bela paisagem verdejante do Alentejo, que nos trouxe o Alentejo.

Albino Pereira

D - Painel III

UASP - Defesa e promoção

Artº 2º dos Estatutos - Ponto 3

(Brevemente disponível)

Em nome da Direcção da Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real, congratulo-me com mais este fórum da nossa, nova associação UASP., sintoma de que a nossa passagem pelo seminário, não foi em vão e de que todos, os que partilhamos os espaços do SEMINARIO nos primeiros anos da nossa vida académica, sentimos o orgulho dos princípios básicos aqui adquiridos e que muito contribuíram para o nosso percurso de vida, tanto na família, como na profissão e no meio sócio cultural onde vivamos.

Este fórum será como um hino ou louvor, da influência que o SEMINARIO, viveiro de gente simples teve na sua ascensão pessoal e social.

Foram estes princípios básicos de organização de trabalho, de disciplina, de honestidade de pensamento que aqui assimilámos, que posteriormente pusemos em prática.

Foi essa semente aqui germinada que deu os frutos.

Muito do que somos o devemos ao Seminário e isso nenhum de nós o podem negar.

Congratulo-me com a criação da UASP e cumprimento os seus mentores e fundadores.

Este Workshop foi dividido em três painéis que discutirão, o art.º 2º dos Estatutos nos seus 3 pontos. Coube e Aveiro, aos Espiritanos e a Vila Real o 3º ponto do art. 2º.

Defesa e Promoção

*“Defender e promover a solidariedade entre as suas associadas
no respeito pela identidade de cada uma delas”*

Outros painéis defenderam o ponto 1 e ponto 2 dos Estatutos da UASP ; vamos tentar deixar uma ideia um tanto mais esclarecida sobre o ponto 3., sem a pretensão de ensinar algo a alguém, mas aprender e apreender com todos.

É do conhecimento geral, o 1º congresso sob o tema “Seminários: da memória á profecia”, realizado entre 24 e 26 de Outubro de 2009.

Todos temos a ideia de que os Seminários em Portugal tiveram uma importância fundamental na educação e na cultura do século XX e XXI” o espírito e a cultura introduzidas na sociedade do último século, a partir dos seminários portugueses., no que respeita aos valores, á ciência e á cultura em geral, foram um facto.

A AAASVR tem uma página na Net há quase 4 anos. Muito simples, mas bastante completa quer em termos estatísticos, quer de alunos por ano, sacerdotes e leigos etc.

Temos também uma rubrica “Gente da nossa casa “em que já temos 70 pequenos currículos, quer de homens ligados às letras, à música, à medicina, à Justiça etc. Não falando dos autarcas ou outros cargos políticos.

Tentamos publicitar algumas obras e vamos homenageando todos os anos alguém que individualmente sobressaiu em qualquer acto, relacionado com a sua formação académica. Nunca segregamos os ordenados ou consagrados dos leigos e assim neste momento a Diocese de Vila Real deu á Igreja 4 Bispos, contemporâneos, a exercer o seu múnus o que muito nos honra.

Temos também um pequeno jornal “In itinere”(bianual).

Temos os nossos encontros anuais e este ano festejamos os 25 anos da Associação.

A nossa página pode ser consultada em www.aaasvr.com.

O jornal e um pequeno troféu comemorativo, iremos distribuir de seguida.

Este 1º congresso que ocorreu em Fátima, permitiu-nos arraigar mais esta ideia, que acima explanámos da importância dos Seminários na formação pessoal nas últimas décadas.

E, porque nada estava estudado e deste congresso, além das entrevistas individuais a sacerdotes e leigos, saíram conclusões de reflexão, que fizeram lembrar a Igreja e o seu papel em Portugal, que relembrou as conclusões do Vaticano II.

Não esqueceram o papel dos Leigos na estrutura da Igreja “ Cristi Fidelis Laici” e sobretudo na Nova Evangelização.

“O fiel leigo não pode nunca fechar-se em si mesmo, isolando-se espiritualmente da comunidade, mas deve viver num contínuo intercâmbio com os outros, com um vivo sentido de fraternidade, na alegria de uma igual dignidade e no empenho em fazer frutificar ao mesmo tempo o imenso tesouro recebido em herança!”

No passado dia 27 de Abril o Bispo de Leiria – Fátima (*meu condiscípulo de ano e de seminário*) assinou o *Decreto de Reconhecimento canónico da UASP*, dando assim existência legal, a esta estrutura nacional que queremos ao Serviço dos ideais humanitários da Igreja e da Sociedade.

Explicitando melhor este ponto estatutário comecemos pela alínea a):

i) *A UASP e o respeito pela individualidade dos membros.*

ii) *A UASP e a solidariedade com cada uma das suas associadas.*

Quanto à primeira alínea é verdade que os associados assinaram os Estatutos da UASP e deles faz parte “Fomentar a co-responsabilidade eclesial, promover a dignidade humana e valores evangélicos; congregar e representar junto das hierarquias da Igreja”.

É verdade que naquele inquérito se concluiu que grande parte dos antigos alunos, permaneceram ligados aos fundamentos cristãos, mas também é verdade que Deus precisa de nós homens para levar o seu nome a todo o mundo, mas dá-nos toda a liberdade de o seguirmos ou não.”

Assim uma obrigação da UASP será: descobrir e ajudar a descobrir a dignidade inviolável de cada pessoa humana”.

Quanto à segunda alínea: o mundo não se faz sozinho; a família cristã enquanto Igreja doméstica, constitui uma escola nativa para a formação da fé. As escolas e universidades são também lugares importantes de formação e estas duas escolas, Família e Universidade, com valores e princípios cristãos permitem-nos atravessar este mundo pantanoso e ainda hoje estarmos ligados ao nosso Cristo e à sua Igreja.

Uma associação tem realmente impacto na vida das pessoas, só assim se pode romper com lógicas totalizantes de exclusão, de empobrecimento, de esgotamento, de esquecimento histórico, de distância psicológica para o resto do mundo

É precisa repor a ideia de um futuro e destino comuns, onde os deveres e responsabilidades, são igualmente partilhados

O Trabalho numa associação, é um trabalho socialmente útil, porque pode dar um grande contributo para a vida da comunidade, onde se insere o projecto; pode tornar as vidas quotidianas mais dignas, porque se pode integrar em dinâmicas mais abrangentes de cooperação

A associação em comunidade permite ao indivíduo autorealizar-se enquanto ser humano, permite-lhe uma reflexão sobre a sua vida.

Tudo isto tem, enfim a ver com a luta por uma cidadania activa, ou seja usufruir de direitos, mas também cumprir os respectivos deveres para com a comunidade.

Fazer parte de uma associação não é uma obrigação, deve ser um acto de livre escolha e vontade

Deve ser uma aprendizagem de cidadania: é agir e participar na sociedade sendo útil, é uma aprendizagem pessoal e colectiva, é uma aprendizagem Inter cultural, promovendo conceitos e valores humanistas, tais como a tolerância, respeito mútuo, solidariedade, justiça e igualdade

Tem cabimento numa associação destas, todos os ex-alunos, sem discriminação de religião, língua, formação profissional, ou situação económica.

Que todos pertençam a uma associação, não é caridade, mas é uma aprendizagem de humildade; é uma maneira eficaz de educação e formação complementares.

É um compromisso pessoal para viver no seio de uma equipa a fim de assimilar os objectivos de um projecto

É abrir a vida a outros e contextos diferentes, adaptar-se a novos hábitos, métodos de trabalho diferente, vidas diferentes, pessoas diferentes.

O Homem é um ser social e que lhe é extremamente difícil viver isolado, ora porque é que uma associação deveria viver isolada das outras?

É necessário que estejamos abertos para as exigências de uma Pastoral de conjunto, estabeleçamos diálogo com outras associações

De facto tal como nos anos quarenta o mundo de hoje embora paradoxalmente mais religioso tornou-se menos cristão e sente – se a necessidade de um laicado católico

E porquê tantas associações?

Dizia Bento XVI: *Formais comunidades na base da fé.*

Quando eu quero levar (como popularmente se diz a água ao meu Moinho) posso usar vários meios, um tubo de ferro, de plástico um rego em pedra, aberto ou fechado etc. etc. O essencial é que a água chegue e siga o seu fim.

Vários homens, com vários carismas tentaram chegar e levar Cristo aos outros.

Se os meios forem bons, o fim será bom. Todas as associações são úteis, principalmente quando os cristãos ordenados ou consagrados são cada vez menos.

E o mundo cada vez mais de costas voltadas para Deus, para Cristo e para a Igreja

É certo que uns vivem num luxo escandaloso e outros num lixo degradante.

É certo que uns procuram pela força, pelo poderio económico, interferir na vida e destino dos outros.

O filósofo inglês Locke, *na carta sobre a tolerância* dizia: *posso enriquecer numa profissão que detesto, posso curar-me graças a remédios em que não confio, mas não posso salvar-me por uma religião de que duvido, por um culto que abomino.*

É tempo do cristão assumir o compromisso de lutar, qualquer que seja o gesto, pela eliminação das desigualdades ofensivas da dignidade humana

Somos seguidores de um Cristo que expulsou os vendilhões do templo, que morreu por amor, prometendo o Paraíso ao ladrão arrependido

António Vale

Defesa e promoção

Meu nome: Timóteo Jorge Moreira, com 68 anos. Fui aluno da Congregação do Espírito Santo desde 1955 até 1967 ("dispensado" no fim do 2º ano de Teologia). Comecei aqui ao lado em Godim, Régua e vim fazer o 2º ano aqui mesmo ao Liceu de Lamego, que nos deixou então má memória. Exerço Advocacia em Valongo, onde resido e de onde sou natural. Sou casado e tenho 2 filhas. Tenho pertencido desde 1983 aos corpos gerentes da União dos Antigos Alunos do Espírito Santo, abreviadamente "União dos Ases" ou " Uni-Ases", que aqui estou a representar.

Estamos a analisar neste painel o nº 3 do artº 2º da UASP: "Defender e promover a solidariedade entre as suas associadas no respeito pela identidade de cada uma delas ".

Os antigos alunos dos Colégios do Espírito Santo e dos Seminários da Congregação do Espírito Santo desde sempre fizeram reuniões de convívio nos seus seminários.

Em 1958 foi formada uma associação denominada União.

Em 1985 constituímos essa União em associação jurídica.

Para conhecer melhor a União dos Ases pode ser consultados alguns livros, entre outros: "Levados por um sonho", 2012, pelo Dr. António Luís Pinto da Costa e a História da Congregação do Espírito Santo pelo P. Neiva.

I - Qual é a identidade da União dos ASES?

Os objectivos fundamentais da nossa União são (artº 4 dos Estatutos):

- a) - Fomentar a solidariedade entre os antigos alunos da Congregação do Espírito Santo;
- b) - Concorrer para a elevação da formação moral e cultural dos seus associados;
- c) - Apoiar, na medida das possibilidades, a resolução dos problemas dos antigos alunos da Congregação do Espírito Santo;
- d) - Cooperar na obra missionária, humanitária e pedagógica da Congregação do Espírito Santo, segundo o espírito dos seus fundadores;
- e) - Publicar um órgão de informação e ligação entre os associados;
- f) - Desenvolver actividades culturais e recreativas, bem como quaisquer outras que visem a prossecução dos fins da Associação.

Na prática realizamos em cada ano vários encontros em alguns dos seminários da Congregação, além de outros encontros de convívio por regiões do País. Alguns destes encontros são gerais, outros são por anos.

Publicamos um Boletim trimestral com 1.650 exemplares, que costuma ter 16 páginas, onde falamos do passado, do presente e dos anseios futuros.

As quotas anuais e os apoios que muitos de nós vão dando servem também para ajudar a Congregação com bolsas de estudo e apoios aos seminários. Apoiamos especialmente o CEPAC, Centro Padre Alves Correia, através do qual, em Lisboa, a Congregação do E. Santo acolhe, ajuda e esclarece muitos emigrantes que chegam das nossas antigas colónias.

Temos uma óptima relação com os membros e os responsáveis da Congregação. Há vários encontros mistos, partilhados.

A Congregação considera os Ases como membros da sua alargada família espiritana que é composta pelos Padres, pelos Irmãos, pela LIAM, Momip, Jovens sem fronteiras, Fraternidades, Leigos Associados, além dos ASES.

II - Defesa e promoção da solidariedade entre as associações.

Já entre 1984 e 1986 tentei contactar várias associações de antigos alunos em ordem a um trabalho e apoio comuns. Houve encontros com a Associação do Verbo Divino.

De facto, os milhares de antigos seminaristas podem ser um fermento e uma força no seu local de trabalho e de residência, nos ambientes em que trabalham e em que vivem.

A maioria dos antigos seminaristas são exemplos de cidadãos. Muitos precisarão de ser despertados, apoiados, impulsionados para serem actuaentes. Os que foram Padres devem ser especialmente aproveitados.

As associações de antigos seminaristas podem ter esse papel criando nos sócios consciência do seu saber, da sua vontade e capacidade, da sua responsabilidade social e levando-os a ser actuaentes na comunidade.

A solidariedade de que se fala no nº 3 do artº 2º da UASP não será talvez tanto o apoio económico, mas sim a sugestão de actividades, serviços, apoios que cada associação pode prestar a outras a fim de elas serem mais úteis aos antigos seminaristas e de estes serem mais intervenientes na comunidade.

Por exemplo: quantos antigos seminaristas são Rotários? Quantos são responsáveis por Universidades Séniores?

A UASP pode dar a conhecer os antigos alunos por concelhos. Aí, conhecendo-se, podem desenvolver projectos comuns. A UASP pode alertar, pressionar a Igreja para aproveitar melhor os antigos Padres.

Cada associação devia ter um meio de comunicação escrita com os seus sócios para os despertar e espicaçar nos seus conhecimentos, nas suas capacidades, para fazer bem e fazer o bem. Devemos aproveitar e fazer render nos antigos alunos a capacidade de estudo e de trabalho, a seriedade, a honestidade, a tolerância, etc.

A análise escrita e verbal dos tempos de seminário ajudará muitos alunos a valorizar o que lá aprenderam e a distribuí-lo pelos outros.

É urgente fazer isso.

A União dos Ases está disposta a apoiar iniciativas na medida das suas possibilidades.

Apesar do avanço da idade, todos nós podemos fazer ainda muitas coisas boas para a sociedade, começando ou reforçando já em 2012, que é o ano europeu do "envelhecimento activo e da solidariedade entre as gerações".

Timóteo Moreira

E – Currículos

P. Luciano Gomes Paulo Guerra

É natural da Calvaria, Porto de Mós (1932). Entrou para o Seminário Diocesano de Leiria em 1943. Licenciou-se em Filosofia e Estudos de Teologia, na Universidade Gregoriana de Roma, em Teologia, na Universidade Pontifícia de Salamanca, e fez Especialização em assuntos relacionados com o ensino, em Paris. Ordenou-se em 1957, foi Capelão do Santuário de Fátima de 1959 a 1961, ano em que foi nomeado Director do Externato Dr. Afonso Lopes Vieira, Marinha Grande, e que exerceu até 1973.

De 1973 até 2008 foi Reitor do Santuário de Fátima, Director do Jornal «Voz da Fátima» e, de 2005 a 2008, Director do boletim internacional «Fátima Luz e Paz».

Fernando Baptista

É natural de Viseu (1940). Frequentou o seminário dos Combonianos de 1951 a 1957 e licenciou-se em Filologia Clássica em Coimbra. Foi professor do ensino secundário e inspector do Ministério da Educação. Dirigiu, colaborou e é sócio de diversas organizações científicas, sendo actualmente investigador-colaborador da Universidade do Minho em Linguística Aplicada. É autor e coautor de diversos trabalhos científicos no domínio da Linguística e da Pedagogia.

Fr. Isidro Lamelas

É natural de Penude, Lamego, e membro da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos OFM). Doutorado em Teologia Patrística pela Universidade Gregoriana, Roma, leciona e investiga na área da teologia patrística, paleocristianismo e literatura latina e grega dos primeiros séculos do cristianismo. É professor da Universidade Católica (Lisboa). Fundador e diretor da PHILOKALIA, Coleção de Textos Patrísticos traduzidos e editados em versão bilingue. Tem inúmeros artigos e várias obras publicadas. É Diretor da Revista Quadrimestral de Cultura Franciscana, *Itinerarium* e membro da Direção da revista *Didaskalia* da faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.

P. Carlos Vaz

Doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana, Roma, licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras do Porto e Mestre pela mesma Universidade em Línguas e Literaturas Modernas.

Leccionou Didáctica da Língua Materna na Faculdade de Filosofia de Braga e coordenou os estágios de Humanidades da mesma faculdade. É reitor da Igreja da Senhora-a-Branca, presidente do Instituto Diocesano de Apoio ao Clero (IDAC), director e administrador do jornal «A Voz de Melgaço» e colaborador do «Diário do Minho». Participa activamente na vida pastoral da zona da cidade de Braga, foi o responsável pelo sector da liturgia durante 15 anos. Actualmente é responsável pelo sector da Comunicação Social.

Tem algumas obras publicadas e artigos da especialidade.

Armando Carolino

É natural de Abiul, Pombal (1940). No Seminário Diocesano de Coimbra fez o curso de Filosofia e o 1º e 2º anos de Teologia; licenciou-se em Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

É advogado e, desde 1976, tem exercido funções ao nível da Assembleia Municipal, Vereação e Presidência (1990-1993) na Câmara Municipal de Pombal. Foi fundador e chefe do Agrupamento de Escuteiros nº. 674 (Pombal), chefe regional adjunto da Junta Regional de Coimbra do Corpo Nacional de Escutas e governador do Distrito Rotário 1970, entre 2010 e 2011. É casado.

Guilherme Ganança

É natural do Funchal (1945). Concluiu, no Seminário, o primeiro ano do Curso de Filosofia. Engenheiro Electrotécnico e Civil, foi docente no Secundário e no Politécnico, Vereador e Director de Produção de uma Unidade Fabril. Foi Director de Departamento Municipal. Enquanto alferes, cumpriu Comissão na Guiné, de cujas memórias publicou dois romances: «Do Cacine ao Cumbijã» e «O Corredor de Lamel». É casado e tem dois filhos.

Albino Pereira

É natural do Rio de Janeiro (Brasil). Licenciado em Contabilidade e Administração, exerceu funções de Técnico de Administração Tributária; é Técnico Oficial de Contas, inscrito na respectiva Ordem. Na LASE, é Delegado Regional do Norte.

Mário Martins

É natural de Venezuela (1971). Licenciado em Português, Latim e Grego pela Universidade de Aveiro, Mestre em Estudos Clássicos pela mesma Universidade, com Pós-graduação em Administração Escolar e Direito da Educação. É professor profissionalizado dos ensinamentos básico e secundário, desde 1995/96. Faz investigação nas áreas da literatura e linguística portuguesas.

A nível pastoral, integrou vários anos a equipa coordenadora do Secretariado da Pastoral Juvenil da Diocese de Aveiro e foi responsável pela pastoral juvenil e pastoral catequética paroquial; coordena a pastoral litúrgica na sua paróquia. É director adjunto do Jornal “Notícias de Nariz e Fátima” e colabora pontualmente em jornais locais. Desde 2007 é o presidente da ADASA e membro, desde 2011, da Comissão Diocesana Justiça e Paz de Aveiro.

António Vale

Nascido no ano de 1944, entrou no Seminário de Vila Real em 1955, tendo completado o 8º Ano. Como militar, foi oficial durante 4 anos. Bancário até 2000, foi fundador da Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Vila Real, tendo feito parte da sua Direcção durante 22 anos; é co-fundador do Automóvel Clube de Vila Real, tendo sido elemento da sua Direcção durante 6 anos. Desde 2007, desempenha funções de Presidente do Secretariado Diocesano do Movimento dos Cursilhos de Crisandade de Vila Real. Em 1986, fez parte dos fundadores oficiais da AAASVR, embora já antes colaborasse nos encontros de antigos alunos; desde então, sempre fez parte da Direcção.

É casado e tem 3 filhas e 2 netos.

Timóteo Moreira

É natural de Campo, Valongo (1944). Entrou no Seminário de Godim-Régua da Congregação do Espírito Santo em 1955 e, depois de passar por outros seminários da mesma Congregação, saiu em 1967, no fim do 2º ano de Teologia. Exerce a Advocacia, como profissional liberal.

Tendo vindo a acompanhar, ininterruptamente e há mais de 30 anos, a vida da Associação dos Antigos Alunos do Espírito Santo; foi eleito Presidente da sua Direcção em 1981 e, posteriormente, Presidente da sua Assembleia Geral, cargo que ainda hoje ocupa.

É casado e tem 2 filhas.

F – Participação
Síntese

Instituições	Nº Participantes
Associadas	83
Aveiro	1
Braga	20
Carmelitas	6
Coimbra	2
Combonianos	6
Espiritanos	4
Évora	7
Franciscanos	8
Funchal	2
Lamego	11
Leiria	8
Vila Real	8
Não Associadas	11
ARM	2
Lisboa	2
Viseu	5
Verbo Divino	1
Copaaec	1
Secretariado	1
Total de inscritos	95